

VOZ OPERÁRIA

RIO, 22 DE AGOSTO DE 1953 — N. 223

DIFUNDIR AJUDAR EQUIPAR OS JORNAIS DO POVO

Prestigiosas personalidades, de diversos setores da vida nacional, acabam de conchamar a classe operária e todos os patriotas a se mobilizarem numa grande campanha de ajuda aos jornais populares, aos jornais que falam a verdade ao povo, os únicos jornais que defendem os interesses do povo, a paz e a independência nacional.

15 MILHÕES DE CRUZEIROS precisam ser levantados e hão de ser levantados de 1.º de setembro a 30 de novembro. O Apêlo endereçado ao povo — e que divulgamos na última página — não deixará de ser atendido pelo povo.

Os trabalhadores de vanguarda tomarão nas mãos o impulsionamento desta campanha. E, no curso dela, saberão multiplicar rapidamente a difusão dos jornais populares, para que a orientação de LUIZ CARLOS PRESTES ganhe ainda mais amplamente as massas e oriente suas lutas pelo bem-estar, pela paz, pelo progresso do Brasil, por um governo verdadeiramente do povo.

Hollywood

Dispara Seus Canhões...

(Reportagem na pág. central)



O Povo Francês Diz NÃO!

À Política De GUERRA

Unindo-se estreitamente às massas, esclarecendo-as politicamente e forjando sua unidade de ação, os comunistas conduzem o povo na luta contra a submissão ao imperialismo americano. Na foto, o ferroviário parisiense, durante uma grande greve, explica aos companheiros os motivos da luta. (VEJA REPORTAGEM NA 5.ª PÁGINA)

Voz dos leitores

Assim não Pode Continuar! - Dizem os Mineiros de Crescuma

Os mineiros de Crescuma são homens que não vêem a luz do sol. Trabalham de 10 a 11 horas no sub-solo. O horário é de 6 horas, mas os patrões pagam por tonelada um preço miserável, o que obriga os operários, para não morrerem de fome, trabalhar muito mais tempo. Além disso, as condições de trabalho arruinam a saúde do mineiro. As galerias não têm ar suficiente e se encontram cheias d'água, tendo os homens de trabalhar molhados o dia todo. O carvão é arrancado das minas por meio de vagonetes empurrados pelos próprios mineiros, correndo sobre trilhos de madeira. Um homem empurra um vagonete contendo quase uma tonelada a uma distância de quilômetro e meio.

Mineiros com um ano de serviço já se encontram arrebatados. Ficam impossibilitados de trabalhar, mas o Instituto lhes nega aposentadoria, dizendo que eles não têm nada, que não querem é trabalhar. Há mineiros que voltam ao trabalho e caem no interior das galerias, os companheiros

os retiram de lá quase mortos. Não existe a menor segurança no trabalho. Há pouco tempo, uma barrreira caiu e matou três jovens.

As minas ficam distantes da cidade. Os homens só vivem para o trabalho, que constitui verdadeiro castigo, até morrerem no fundo de uma mina. Sua vida é negra, não tem beleza; não conhecem diversões nem repouso. Só vêm as corujas piando e os morcegos voando. As casas em que moram os mineiros são uns galinheiros da pior espécie. É o mesmo que morar na rua Na Mineração Geral do Brasil, que é de um tal Barbado, vulgo Macário, existe uma «vila operária» com 78 casas, que nem mictóricas têm. Enquanto isso, os patrões obtêm lucros fabu-

los, ficam milionários em pouco tempo, como um tal Heriberto Hilce, que era um «peleco» quando aqui chegou e é hoje dono de milhões, como um outro, de nome Portia, que é hoje milionário. E todas essas fortunas são acumuladas nas costas dos operários.

Mas, nós já vimos que não é possível continuar assim. Organizamos o nosso sindicato para lutar por nossas necessidades. Lutamos contra o pelego colocado à frente desse sindicato e apoiado por um chefe do P. T. B., e convocamos uma assembléia para tratar de nossas reivindicações. Já deliberamos dar um prazo aos patrões para que sejam atendidas as nossas reivindicações. Se eles não nos atenderem, iremos à greve. Para is-

so, já preparamos comissões nas minas e escolhemos uma comissão central. Os pelegos não poderão impedir nossa luta, porque quem dirigirá tudo é a comissão central, que tem o apoio da massa dos mineiros, cada dia mais decididos a lutar por quebrar a canga da miséria e da opressão e construir um futuro melhor. (Do correspondente em Crescuma).



Racionamento em São Paulo

ROUBADOS EM 2 HS. DE SALÁRIO OS OPERÁRIOS DE MATARAZZO

No bairro do Belenzinho, na conhecida artéria que é a Av. Celso Garcia, bem defronte à Rua Passos, está situada a grandiosa indústria do sr. Chiquinho Matarazzo, estendendo um visível letreiro, no cimo do portão de entrada: «S.A. I.R.F. Matarazzo».

Pois bem. Essa é uma das indústrias capitalistas de nosso país que, atualmente, impôs aos seus operários, o horário de 6 1/2 horas de trabalho por dia, reduzindo o seu ordenado.

Agora, diga-me o leitor, como poderão manter-se esses trabalhadores, se ganham apenas 1.500 cruzeiros por mês? Como poderá viver, tendo filhos para sustentar o aluguel

para pagar? A maioria ganha pouco e, ainda lhe roubam 2 horas de salário. Sim, isso é roubo. E' roubo porque nada tem o povo que ver com a falta de energia elétrica. E, se falta eletricidade, o povo não é culpado.

A Light impõe o racionamento, mas os industriais descarregam todo o peso sobre os trabalhadores. A bomba sempre estoura na mão do mais fraco e o sr. Chiquinho nunca sente e nem escuta o estouro. Que se amolem os operários, dirá consigo.

Justiça? Ora, esta é uma justiça dos patrões que até aos nossos ouvidos faz mal. Justiça a faremos se nos unirmos para exigir da Light um

paradeiro nesse feroz racionamento. Além da reacionária empresa deixar faltar a luz ao povo, ainda coopera para que a nossa gente seja ultrajada e massacrada por industriais que obrigam os seus operários a trabalhar no regime de coerção. Digo coerção porque tive uma ligeira palestra com alguns empregados da Matarazzo e do «Lanificio Santa Virginia» que mantêm as mesmas horas de serviço para os seus empregados. E, em meio de palestras fui informado de que não se pode reclamar nada a respeito, sob pena de ser posto no olho da rua. Ora, então se demite um operário por reclamar os seus direitos?

Onde e quando, existe uma lei dessa natureza? Essa é a nossa livre e democrática Constituição? Essa é a proteção que o senhor Getúlio Vargas dá ao trabalhador? E, afinal, pergunto se estas são as leis trabalhistas que temos.

Só unidos e organizados, os operários de Matarazzo como de outros tubarões podem conseguir que seus direitos sejam respeitados, não serem descontados em seus salários, forçando o patrão também a lutar contra o racionamento. a) A. Tomé.

Respondendo ao leitor

CLAUDIO — (S. Paulo) — Com referência à sua sugestão relativa a uma edição especial da VOZ dedicada aos mártires do massacre do presidio «Maria Zélia», podemos informar-lhe que o crime ocorreu a 21 de abril de 1937 e não a 17 de agosto de 1936.

— Agradecemos a outra sugestão para a publicação de um novo livro em folhetim, a exemplo do que fizemos com a Biografia de Stalin. Vamos estudá-la e lhe pedimos que continue a enviar-nos sugestões, bem como correspondências de empresa.

“Operários Paulistas na União Soviética”

Desejo fazer uma rápida observação sobre o livro «Operários Paulistas na União Soviética». Quero destacar aqui o relato de Estolano. A gente quando lê a parte dele tem a impressão de o estar acompanhando passo a passo. Os demais também têm seus meritos, bem como falhas, que comentarei em outra carta.

Sobre a aceitação, devo dizer que dos 13 que me encarreguei de vender, 10 já foram vendidos. A dificuldade está em que os operários não dispõem facilmente de Cr\$. 10,00 para adquiri-lo, alguns ficam devendo, para pagar

depois. Alguns leitores acham que era preciso desmascarar a infamia dos imperialistas de que na URSS não há liberdade de crença e de religião. Devia-se mostrar também que lá não há nada dessa coisa de degeneração da família, como existe aqui no Brasil onde, como «leitor» da Light, já encontrei casas e quartos em que homens e mulheres habitam na maior promiscuidade.

Espero que este volume seja o primeiro de outros tantos, que haverão de sair ainda melhores. (Ass.) J. Ching (S. Paulo).

“Tiras” e Anticomunismo Para Roubar os Trabalhadores

Escreve NAZARENO CIAVATTA

A «Empresa de Transportes Kosmos Ltda.», em São Paulo, à Rua Almeida Lima, 1414 protegida pela polícia política de Garcez, pratica toda espécie de roubos contra os trabalhadores. São seus donos, o tal Antunha e Nabor Pereira da Silva. Antunha, ébrio contumaz e a metido a valente contra os operários, mas, um dia, um ajudante deu-lhe uma boa surra que acabou com sua prosa. Quanto a Nabor é auxiliado em suas arbitrariedades por um seu «crente anti-comunista e antigo «tira» de nome Moacir Ferreira da Silva.

Quando esses homens desejam demitir um empregado, usam dos mais infames processos. Lançam-no em trabalhos pesados, utilizam-se de calúnia, etc. Eu fui demitido por não querer arriscar a vida, com outro companheiro, carregando feixes de ferro

pesando 120 quilos, tendo de passar por cima de outros ferros espalhados pelo chão.

Para não me pagarem a indenização, Moacir arranjou um pobre diabo a quem pagou para denunciar-me ante o delegado de polícia, como comunista. Recorri ao Sindicato, reclamando contra a negativa do patrão em pagar-me os 2.800 cruzeiros a que eu tinha direito. O advogado do Sindicato dos Condutores e Veículos, um tal de Dr. Cid, não passa de um homem a serviço dos patrões. Na hora da audiência ao invés de defender minha causa, permaneceu calado. Disse-me que eu não seria indenizado porque havia «graves acusações» contra mim.

Outro caso. A empresa não registra os operários, muitas vezes por um ano ou nunca. Por não contribuírem para o IAPETCO operários que ficam cientes não são atendidos naquele Instituto quando a ele recorrem. Há pouco tempo procurei a assistência do IAPETCO. O médico declarou que eu não tinha direito, pois os patrões não contribuíam como manda a lei. Respondi-lhe que o Instituto deveria brigar com o patrão e não com o operário, tendo o médico concordado comigo. Deu-me um cartão para meu tratamento e o da minha família e a «Kosmos» foi intimada a recolher a importância correspondente aos 18 meses que ali trabalhei.

EXPLORAÇÃO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Violação das leis trabalhistas e exploração do trabalho de menores é o que existe nas construções dos edifícios do Sindicato dos Aduaneiros, Santa Mônica e Marques Ferreira, na cidade de Santos.

Os empreiteiros são Antonio Rodrigues Ruiz e Valentim de tal. Valentim exerce também as funções de fiscal e vive aos berros com os trabalhadores. Esses exploradores obrigam os operários a trabalhar nove e dez horas, por dia sem pagar horas extras, não pagam os domingos e feriados e nem sequer o adicional das horas de trabalho noturno. Tampouco dão férias. Quando um operário exige férias, a resposta é que serão pagos no dia da despedida do trabalhador. Ninguém é registrado e, sem direitos, os trabalhadores são despedidos sem aviso prévio. Os menores, que fazem trabalho de adultos durante o dia, ficam de guarda na obra durante a noite. Os operários Mario Cardoso Lins e Manoel Gonçalves de Souza foram mandados embora, sob a falsa alegação de que não estavam produzindo e com o desafio provocador de que fossem se queixar ao Ministério do Trabalho.

Mas quem não vê que não adianta queixar-se ao Ministério do Trabalho? O caminho certo é o que leva para o Sindicato, pois é unido-se que os trabalhadores em construção civil acabarão com esses abusos. (Ass.) Lazaro Moreira.

Posta Restante

Desde nossa última edição, recebemos cartas e coleções dos seguintes leitores: Francisco Antunes, Walter Anastácio, R. Estana, Raimundo Coelho, Carlos Alexandre, Waldivino Arias, Nerciane Batista Silva, Alíxio Santos, U-bano Souza, E. Marcondes, A. Jorge Costa, Edelvita Prado Siqueira, R. Gastão, Amauri Renaux elite e dos correspondentes em José dos Campos, Mossoró, Pararaçara, São Paulo e Estrada de Ferro Paulista.

INDIGNAÇÃO EM SÃO JERÔNIMO

Rebaixa de Salários na Mina de Butiá

CRESCE o espírito de revolta entre os valerosos trabalhadores das minas de São Jerônimo que lutam em ação comum com o comitê que lutam em ação comum com o comércio varejista.

O salário de 1947 até 1953, em vez de ser aumentado, tem sido rebaixado, tal como aconteceu com os madeireiros do Poço 5A. na mina dos Ratos, que tiveram um corte de 300 a 600 cruzeiros em seus miseráveis salários. Este fato, denunciado em reportagem feita pela «A Tribuna», causou indignação entre todos os mineiros de São Jerônimo.

A remessa daquele jornal esgotou-se rapidamente. Os mineiros, cheios de indignação, pediam que fossem repetidos os protestos e denúncias, desta vez, não só dos mineiros mas de todos os trabalhadores prejudicados. Todos a quem falamos responderam: «Vamos apressar nossa unidade e organização a fim de irmos à luta, não só pela tabela de 50 por cento de aumento de salário, como pelo imediato pagamento dos 300 cruzeiros e pela restituição do salário, dos madeireiros, como denunciou «A Tribuna».

Os bravos combatentes madeireiros do Poço 5A, vem recebendo a mais ampla solidariedade de todos os trabalhadores das minas que vão tomando conhecimento do tremendo golpe dado pelo CADEM.

Embora já esteja o processo na Junta de Conciliação e Julgamento de São Jerônimo, os mineiros confiam em suas próprias forças e creem que só através da luta pelos seus direitos e reivindicações, serão atendidos. Todos tomam como exemplo do que fazer as vitoriosas greves de São Paulo e a dos valerosos marítimos brasileiros.

Por tudo o que temos direito e pelo que necessitamos, vimos travando lutas poderosas,



recorrendo à greve como a arma provada dos trabalhadores para exigir nossas reivindicações e também dar posse à Diretoria eleita para nosso sindicato, como fizeram os marítimos, que obrigaram o Ministério do Trabalho a empossar a diretoria do Sindicato dos Operários Navais e a destituir da Federação o seu inimigo Laranjeira. (a) LUIZ

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável: JOSÉ SATEIA DE LIMA E SILVA
MADEIRA: Av. Rio Branco, 537 - 17º and. - Sala 1118
SUCURSAL: SÃO PAULO - Rua dos Estudantes, 94, Sala 23; P. ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, 527, Sala 53; RECIFE - Rua da Palma, 290, Sala 200 - Ed. Sacl; SALVADOR - Rua João de Deus, 1, Sala 1; FORTALEZA - Rua Barão do Rio Branco, 1248, Sala 22.
Endereço telegráfico da Matriz e Sucursais: VOZPERIA

ASSINATURAS:
Anual Cr\$ 60,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
Nº Anual 1,00
Nº Anual 1,00
Este Semanário é impresso em SÃO PAULO, R. F. C. P., PORTO ALEGRE, FORTALEZA, SALVADOR e CELIA.

Não passará A LEI DE FIDELIDADE AOS E.E. UNIDOS

O LACAIO REPETE...

«No campo do livre exercício das atividades político-partidárias, os abusos daqueles que se dedicam a certas campanhas de fundo e orientação comunistas vêm se tornando, entre nós, cada vez mais acentuados...»

«Vossa Excelência, de há muito, reconheceu a grande lacuna e determinou fossem feitos os estudos indispensáveis a um anteprojeto de lei a ser submetido ao Congresso Nacional, no qual se tivesse em vista, sobretudo, o absoluto respeito às garantias dos direitos individuais.»

(Da exposição de motivos da lei de infidelidade à Pátria, preparada pelo general fascista Calado de Castro).

A QUEM ATINGE A LEI MONSTRO?

A TODO O POVO — É proibido ser contra o governo. Liberdade de opinião, só desde que seja de acordo com os partidos consentidos pelo governo. O artigo 3º amplia imensamente o campo de ação dos bandidos políticos, pois aponta como crime «toda atividade, ostensiva ou clandestina, qualquer que seja a forma ou meio empregados», que não convenha aos vendilhões da Pátria.

A CLASSE OPERARIA — Todas as garantias da legislação trabalhista são sumariamente liquidadas. A condenação por lei fascista é «causa justa para rescisão de contrato de trabalho». Assim viram letra morta a estabilidade no emprego, o aviso prévio, etc.

OS CAMPONESES — Os trabalhadores da terra que lutam pelo direito à terra para os que nela trabalham pelo pagamento em dinheiro, contra os contratos escorchantes, em suma, contra a escravidão do latifúndio, sustentáculo do regime de Getúlio e dos americanos, ficam à mercê da polícia.

OS FUNCIONARIOS PÚBLICOS E TRABALHADORES DO GOVERNO — A lei-monstro cita nominalmente os servidores públicos ativos e inativos, federais, estaduais, municipais, autônomos, e ainda aos empregados de empresas de economia mista, de empresas incorporadas à União ou que gozem de subvenção, isenção de impostos ou qualquer outra vantagem. Faltam aí incluídos os ferroviários da Central e outras empresas do governo, os marítimos do Leste, os trabalhadores rodoviários e até os mais modestos garia.

OS SEGURITARIOS — Os funcionários das companhias de seguros são especificamente citados.

OS MILITARES — A lei fascista se volta contra os brasileiros tardados, contra os oficiais da ativa e da reserva, contra sargentos, cabos e soldados, mantendo-os sob a ameaça da justiça militar.

Essa lei tarada não passará. A união e a luta dos brasileiros esmagarão o código da escravidão americana.

... A VOZ DO DONO

«Um nacionalismo extremista, em certos países (na América do Sul), é alimentado por um dogma enganador, mas eficaz. Esse dogma pretende que os países da América Latina são pobres unicamente porque foram explorados sem escrúpulo pelos países mais industrializados...»

... Os comunistas acharam que lhes era aproveitável se associarem às aspirações nacionalistas e alimentar o fogo das ambições nacionalistas.

... Para desenvolver a sua economia, o governo brasileiro levará encorajadas novas participações de capitais locais e estrangeiros.

(Platôrio de Eisenhower ao Congresso Americano, sobre o programa norte-americano de «segurança» mútua, 17-8-53).

O POVO BRASILEIRO Votará Por Negociações

Em todos os países milhões de homens exigem solução pacífica dos problemas em litígio por meio de negociações entre as grandes potências. Esse anelo dos povos se recostou e ganhou extraordinário alento com a assinatura do armistício na Coreia. Se esse complexo problema pôde ser resolvido à base de entendimentos, porque os demais problemas que afligem a humanidade não podem ser tratados e solucionados de modo idêntico?

Os pronunciamentos que estão sendo feitos em todo o mundo, seja pela sua insistência como pela força de que se revestem, colocam sob forte pressão os governos das potências ocidentais. Os interesses econômicos de muitas dessas potências reclamam a cessação das guerras em curso no Viet-Nam e na Maláia, chocam-se com a nefasta política da «guerra fria» e exigem um clima de entendimento e paz entre as nações.

O povo brasileiro, cujo amor à paz ninguém pode ignorar, participa ardentemente do desejo de ver resolvidas por meio de negociações todas as questões internacionais pendentes. Manifestações pela paz de expressivas assembleias, o regosijo de Câmaras, personalidades, organizações sindicais, femininas, juvenis, nos comícios, pela terminação da guerra na Coreia, conduzem inequivocamente a essa conclusão. Tomando como base o desejo de paz da esmagadora maioria do nosso povo, o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz deliberou realizar um plebiscito durante o qual os brasileiros maiores de 16 anos poderão expressar sua opinião sobre essa questão vital. Sendo uma consulta ampla e da maior simplicidade, o plebiscito possibilita às pessoas que dele queiram participar, votar pela solução dos problemas internacionais mediante entendimentos e não pelo recurso à força.

Tal é a grande iniciativa lançada pelo M. B. P. P. a iniciar-se no próximo dia 1.º de setembro e que se encerrará a 15 de outubro vindouro.

A PREPARAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Os movimentos estaduais de partidários da paz estão fazendo preceder o plebiscito de intensa propaganda. Nesta Capital, o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz está difundindo amplamente por toda a cidade pequenos volantes com a palavra **PLEBISCITO**, que aparece também em «logotipos» em quase todos os jornais. Essa propaganda tem por fim despertar a curiosidade e a atenção do povo para o plebiscito e está sendo seguida da difusão de impressos do M.C.P.P. contendo o Apêlo e as Declarações do Conselho Municipal da Paz, bem como o Manifesto do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz a propósito do plebiscito. Na próxima semana, a última antes de iniciar-se a ampla consul-

ta, o Movimento Carioca fará distribuir 10 milhões de votos entre a população, que serão recolhidos durante o plebiscito.

No Rio Grande do Sul a preparação do plebiscito se desenvolve de maneira promissora. Além das circulares a todas as organizações de partidários da paz de âmbito municipal, o Movimento Estadual de Defesa da Paz dirigiu cartas a todas as Câmaras do Rio Grande do Sul, sindicatos, escolas, entidades religiosas e esportivas, mostrando a importância e os elevados objetivos da campanha em favor de negociações.

Os dirigentes do movimento da paz do Rio Grande do Sul têm também compareci-

VOTO

Sou favorável à solução de todos os conflitos e divergências internacionais por meio de entendimento entre os Governos, para que cessem o derramamento de sangue e a guerra fria.

(NOME DO VOTANTE)

(LOCALIDADE)

(ESTADO)

Cédulas como a que se vê no «fac-símile», impressas de acordo com o modelo instituído pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, serão instrumento através do qual os brasileiros darão seu voto por negociações. (A cédula acima foi cedida pelo Movimento Fluminense do P. da Paz).

do às assembleias sindicais, onde realizam palestras sobre o plebiscito. Os trabalhadores recebem nos entusiasticamente e dão seu caloroso apoio à campanha, como sucedeu entre outras no sin-

dicator dos Carris, Gráficos e Portuários.

No interior do Estado, a divulgação do plebiscito é feita igualmente por quinze emissoras, o que constitui excelente experiência.

NO ESTADO DO RIO

A preparação do plebiscito em Niterói, como em outros municípios fluminenses se desenvolve paralelamente à organização de novos conselhos de paz. No município de Nova Iguaçu foram ultimamente formados os conselhos distritais de Miguel Couto e Quetmados e se acha em vias de organização os de Santa Eirgênia, Mesquita e Austim. Ao nascerem, esses conselhos de paz tomam desde logo em suas mãos a realização do plebiscito em seus distritos respectivos.

Na importante cidade de

Campes, realizou-se uma reunião à qual compareceram representantes dos municípios de Itaperuna e Macaré, além de partidários da paz daquela mesma cidade e personalidades locais. A sessão teve por objetivo lançar a campanha de plebiscito no norte fluminense, que contou de imediato com o apoio de todos os presentes.

Ainda no Estado do Rio há a registrar a manifestação de apoio à campanha em favor de entendimentos do Sindicato dos Operários Navais, através de expressiva assembleia.

Em outros Estados os preparativos para o plebiscito prosseguem.

COMO REALIZAR O PLEBISCITO?

Num dos seus boletins, o Movimento Fluminense de Partidários da Paz, dá algumas indicações práticas sobre como realizar o plebiscito numa usina, num sindicato, num bairro, etc.. Reproduzimos algumas dessas instruções:

NUMA USINA — O grupo coletor marcará previamente a data do plebiscito. Durante quatro a cinco dias antes da data determinada, uma grande campanha de propaganda será feita na usina, no sentido de convencer a todos — tanto aos trabalhadores da usina, como aos do campo e aos proprietários da empresa — das imensas vantagens das negociações. Nesse mesmo período de quatro a cinco dias, os partidários da paz farão chegar às mãos de cada votante a cédula que será depois colocada na urna. No dia da votação, a comissão que irá fiscalizar a colocação dos votos deverá estar munida de cédulas para distribuir aos votantes que por qualquer circunstância não as possuíam. Finalmente a comissão deverá fazer todo o possível para que os donos da usina, gerente, administrador integrem também a comissão e que sejam os primeiros a depositar

seu voto, como demonstração de solidariedade à campanha. Para as fabricas, escritórios e outros locais de trabalho o processo deverá ser o mesmo.

NUM SINDICATO — Os partidários da paz devem conseguir com a direção do Sindicato a realização de uma assembleia, convidando os sócios para que todos os sócios compareçam. Na assembleia, um dos diretores do Sindicato ou um membro da comissão exporá ao plenário o significado dos entendimentos, as vantagens que eles representam para os trabalhadores e que com o voto de cada um esses entendimentos poderão tornar-se uma realidade. Os sócios que não comparecerem à assembleia, por qualquer motivo, devem ser abordados nos seus locais de trabalho ou nas residências procurando o endereço no próprio Sindicato a fim de que nenhum deite de dar o seu voto.

EDITORIAL

Relações Com a URSS, Exigência do Povo

Nosso povo sempre exigiu dos governantes o estabelecimento de relações normais com a gloriosa União Soviética, saudada e apoiada calorosamente pelas massas populares desde o dia em que surgiu. E foi com incontentada alegria que os brasileiros receberam o primeiro embaixador soviético no Rio, logo após a histórica vitória sobre o nazi-fascismo, construída fundamentalmente pela luta heróica e abnegada dos povos soviéticos.

Os governos impostos ao Brasil, entretanto, obedientes à política de guerra do Departamento de Estado americano, vêm contrariando acintosamente essa aspiração do povo, recusando-se a reconhecer a U.R.S.S., a China e os Estados democrático-populares, países que abrangem um terço da população terrestre. Neste sentido, a política oficial do Brasil tem se limitado a servir de vil instrumento às manobras e trapaças do governo belicista dos E.E. U.U. Basta recordar a ruptura de relações com a URSS, há seis anos, realizada à base das provocações mais vergonhosas e grotescas, como o reconhecimento hoje até mesmo os seus mais graduados protagonistas.

De então para cá, os governos de Dutra e Getúlio não fizeram mais do que se agachar sempre ante as exigências devoradoras dos magnatas ianques, que acerturaram seu domínio sobre o país, controlam as posições-chave da economia nacional, monopolizam seu comércio exterior e ditam a política seguida pelo Itamarati.

Mas, como acentua Mao Tse-Tung, no mundo de hoje, não há futuro para os governos que se apoiam no imperialismo americano. Seguindo a política de guerra traçada pelos senhores do dólar, tornando-se pois cada vez mais um apêndice do «colosso do Norte», a camarilha dominante conduziu o Brasil às bordas do abismo, com o estrangulamento de seu comércio exterior e a agravamento sem precedentes da situação de fome e miséria das

massas. Ramos inteiros da economia nacional encontram-se ameaçados de completa estagnação ante as restrições impostas pelos banqueiros americanos e pelo volume assustador das dívidas acumuladas nos Estados Unidos e em quase todos os países capitalistas. Os monopólios americanos estão asfixiando a vida econômica do país o que torna ainda mais insuportáveis os padecimentos de toda ordem que afligem o povo.

Ante esta situação calamitosa, largas camadas de nosso povo, inclusive entre a burguesia nacional e os círculos dos homens de negócios, estão a exigir insistentemente o imediato estabelecimento de relações com a União Soviética, como meio seguro para ampliar o comércio livre com todas as nações, única maneira de aliviar as dificuldades que atravessa o país e sacudir as restrições que pesam sobre seu comércio exterior. Ressurge assim, com redobrada força, a exigência popular de que o Brasil reconheça a União Soviética, campeã da paz e da independência dos povos grandes ou pequenos.

Por outro lado, o estabelecimento de relações normais com todos os Estados, especialmente com a União Soviética e a China Popular — como ensina o camarada Prestes — constituiria um fator importante na ampliação da luta pela paz e pela independência nacional. Esta medida corresponde, assim, aos mais profundos interesses de nosso povo, que vê nela uma contribuição importante a causa da paz, já que viria reforçar ainda mais a crescente pressão dos povos em favor de negociações internacionais, em prol do entendimento entre os Estados e de repúdio à política de guerra. O reconhecimento imediato da União Soviética é, pois, uma reivindicação nacional, que há de ser imposta ao pequeno grupo dominante pelo crescimento diário do clamor partido de homens de todas as correntes e a pressão organizada dos mais vastos setores da opinião pública.

Os Comunistas e a Luta Pela Paz

No leitor Marcos Gonçalves, de Taubaté (S. Paulo) recebemos uma carta comentando um artigo publicado no nº 218 da VOZ OPERÁRIA a respeito do estudo de André da Silva Paraguassu. Trata-se de uma iniciativa louvável, que revela o interesse do leitor por questões tão importantes como a luta pela paz. Acha, porém, o autor da carta que, em face do Informe de Prestes ao Pleno de Abril do CN do P.C.B., não é mais justo afirmar que a luta pela paz deve estar ligada à luta pelo pão, pela terra, contra o fascismo, pela libertação nacional e pela democracia popular.

No caso, há, uma incompreensão: o leitor confunde ainda o Partido com o movimento dos partidários da paz. Entretanto, o Informe de Abril esclarece perfeitamente este problema. Mostra o camarada Prestes no Informe que o movimento dos partidários da paz se caracteriza pela amplitude do seu programa, que todo e deve unir a todas as pessoas, de quaisquer camadas e classes sociais, sejam quais forem suas convicções filosóficas ou partidos políticos, para a luta comum pela manutenção da paz. O movimento dos partidários da paz é um movimento de caráter democrático e sem partido e tem por objetivo a luta contra uma guerra determinada, a luta por manter uma paz determinada. Esta luta, porém, como nos ensina Stalin, não pode eliminar definitivamente a possibilidade das guerras em geral, pois, para evitar a inevitabilidade das guerras é preciso destruir o imperialismo. E o movimento dos partidários da paz não coloca em seu

programa a luta contra o imperialismo que, como se sabe, é a causa profunda das guerras.

Por isso os comunistas, dando o seu decidido apoio ao movimento dos partidários da paz e não poupano esforços para o seu fortalecimento, compreendem que é preciso, no entanto ir além, que é preciso lutar contra o imperialismo e derrotá-lo, para que a paz seja definitivamente assegurada. É evidente que esta luta contra o imperialismo tem que ser dirigida ao mesmo tempo, contra os seus lacaios em cada país. No Brasil, ela se dirige contra o imperialismo norte-americano e os latifundiários.

Por isso, como partido político da classe operária levamos a luta pela paz, ligando-a sempre à luta pelas reivindicações operárias e populares, à luta pelas liberdades, pela independência nacional, contra o governo de Vargas e por um governo democrático-popular.

O que é preciso, enfim, é não confundir o movimento dos partidários da paz, cujo caráter é democrático e sem partido, e que tem por objetivo levantar as massas para a luta por manter a paz e impedir uma nova guerra mundial, com o Partido Comunista do Brasil, cujo caráter é revolucionário e tem como objetivo fundamental a derrubada do poder das atuais classes dominantes e a instauração no país, na atual etapa, de um governo democrático-popular.

Para uma compreensão melhor desse problema indicamos o estudo da obra genial de Stalin, «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS» e o Informe de Abril do camarada Prestes.

Terror Contra o Povo de Cuba

CONTANDO COM A SOLIDARIEDADE DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS DO CONTINENTE, O POVO CUBANO HÁ DE DERROTAR OS AGENTES DE NOSSO INIMIGO COMUM: O IMPERIALISMO AMERICANO

No dia 26 de julho último, elementos da oposição ao tiranete Batista, pertencentes a partidos burgueses e ligados, por sua vez, ao imperialismo americano, tentaram um «putch» para conquistar o governo de Cuba. Queriam com isso desviar as massas populares da luta pela independência nacional e as liberdades democráticas. Batista, velho agente dos trustes lanques, que o recolocaram no poder por meio de um golpe em março deste ano, aproveitou imediatamente o fracassado «putch» para desferir novos golpes contra o povo, suspendendo as garantias constitucionais e liquidando os restos dos direitos democráticos ainda existentes.

Logo após as quarteladas empreendidas em Santiago e outras cidades da província de Oriente, o governo desencadeou uma onda de prisões e perseguições contra as forças demo-

cráticas. O grande jornal popular «Hoy» foi ocupado militarmente e depredado. Seu diretor, Anibal Escalante, foi preso e seus funcionários espancados, tendo sido morto pelo menos um deles. Os sindicatos operários passaram a sofrer novas e violentas perseguições e os dirigentes do valente Partido Socialista Popular (PSP) começaram a ser caçados pelos fascistas do SIM (Serviço de Inteligência Militar), que assaltaram e depredaram as sedes do Partido. Ao que se sabe, as casas dos dirigentes comunistas foram invadidas e reviradas, encontrando-se presos Juan Marinello, presidente do PSP, Lazaro Peña, Vice-Presidente da F. S. M. e dirigente da C.T.A.L., Joaquim Ordoqui, Carlos Rafael Rodriguez e outros. O líder Blás Roca, Secretário Geral do P. S. P., está sendo furiosamente procurado.



Juan Marinello

Os acontecimentos que se estão desenrolando em Cuba são um exemplo típico de interferência nefasta dos imperialistas norte-americanos na vida interna dos países de

nosso continente. Dominando as posições-chave da economia cubana, os trustes lanques ditam suas ordens abertamente aos governantes, que exercem o terror contra o povo, visando golpear a resistência crescente das massas

à sua política de guerra e submissão aos «gringos» exploradores. Os atentados agora cometidos em Cuba estão a indicar que o grupo vende-pátria reunido em torno de Batista está encontrando maiores di-

ficuldades para enganar e dominar o povo, principalmente tendo em vista que a situação do país avança para a bancarrota, devido à dependência em relação aos E.E.U.U., agravando-se dia a dia mais a situação de miséria das massas. Esta situação causa apreensões aos senhores do dólar, que jogam com golpes e contra-golpes, sempre visando a manobra contra o povo at atingir seus dirigentes mais responsáveis, na pessoa dos comunistas.

RACIONAMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA EM SÃO PAULO



Os atos terroristas do governo Batista não somente ferem a todo o povo cubano como também interessam de perto aos demais povos latino-americanos, e explorados igualmente pelos magnatas lanques. A presente luta do povo cubano contra seus azeites é, assim, uma luta de todos nós, particularmente do povo brasileiro, que também enfrenta com decisão crescente os opressores lanques, seus lacaios do governo Vargas e suas manobras golpistas. Por isso, todas as forças democráticas do Brasil e do continente não devem deixar de manifestar sua solidariedade a seus irmãos cubanos, exigindo a liberdade de seus líderes e o restabelecimento dos direitos democráticos do povo, a fim de que, juntos, enfrentemos e derrotemos o inimigo comum: os camisas brancas dos Estados Unidos.

Os Fatos... São os Fatos

UMA comissão da Câmara dos Deputados Italiana divulgou os principais dados do inquérito sobre a MISÉRIA NO PAÍS.

11.592.000 famílias — que somam toda a população da Itália — foram recenseadas. Dessas, 232.000 residem em armazéns e porões, 92.000 em grutas, e 2.469.000 famílias (21,5%) em habitações «caracterizadas por condições anti-higiênicas e pela promiscuidade». 1.357.000 famílias vivem em miséria, baixíssimo padrão de vida; 1.345.000 em «condições precárias» e 7.616.000 (65%) em «condições modestas». Este é o resultado da «ajuda» americana.

É preciso mais para ilustrar os «benefícios» da política seguida pelos democrata-cristãos desde 1947?

CRÔNICA INTERNACIONAL

A NOVA ENCRUZILHADA DA O.N.U.

UMA série de fatos da mais alta importância diplomática evidenciam os esforços realizados pela União Soviética para resolver por meio de negociações todos os problemas internacionais litigiosos, e desenvolver as relações normais entre os Estados. Al estão, por exemplo, o restabelecimento de relações diplomáticas com Israel, a nomeação de embaixador para Belgrado, a nota à Turquia sobre as questões de fronteira, os acordos comerciais com a Argentina e diversos outros Estados, a formação de uma comissão iraniano-soviética em Teerã, e diversos outros passos dados no sentido da melhoria das relações internacionais envenenadas pelo clima da «guerra fria» fabricada em Washington. Não há ponto do globo em que as medidas concretas e as propostas concretas da U.R.S.S. não tenham apresentado uma nova perspectiva de desenvolvimento favorável da situação.

Nas questões vitais, como a da Coreia, a da Alemanha e do Tratado com a Áustria, coube à U.R.S.S. pôr em prática todas as medidas necessárias ao encaminhamento das soluções indispensáveis, propondo negociações para o armistício na Coreia, facilitando a rápida conclusão de um tratado de paz com a Áustria à base do projeto feito pelas quatro

potências e reclamando a imediata unificação da Alemanha, seguida de eleições gerais.

Em todos os discursos pronunciados pelos dirigentes soviéticos, nos editoriais da Pravda, e nas notas diplomáticas dirigidas às potências ocidentais a U.R.S.S. ressalta sua confiança na possibilidade da existência pacífica entre sistemas diferentes e baseia sua atuação na não interferência em outros Estados.

Assim agindo, a União Soviética não está inovando sua política mas, pelo contrário, levando a um nível ainda mais alto as diretrizes que segue desde 1917, e reiteradamente postas em prática por Lênin e Stálin quanto estiveram à frente dos negócios soviéticos. O que há de novo é que a justa posição da U.R.S.S. ganhou todos os povos e o clamor favorável a negociações destinadas a aliviar a tensão internacional tornou-se o problema fundamental de nossos dias. Os inimigos da paz estão sendo isolados, alguns êxitos já foram obtidos no caminho do entendimento e a imensa atividade diplomática da União Soviética em todos os setores, visa precisamente

a aplainar o caminho para êsses entendimentos.

Dentro de poucos dias inaugurar-se-á, na O. N. U., a sessão especial destinada a ratificar o armistício na Coreia e providenciar sobre a ulterior conferência política prevista nos acordos de Pan Mun Jon. Há três anos, em junho de 1950, a pérfida agressão norte-americana contra a República Democrática Popular da Coreia pôs a organização das Nações Unidas diante de um sério dilema. Coube-lhe escolher entre a defesa de sua própria Carta, que a obrigava a defender a paz e garantir a segurança dos povos, ou a sujeição ao imperialismo, prestando-se ao vergonhoso papel de instrumento da política belicista dos Estados Unidos. Como se sabe, a O. N. U. escolheu o caminho de sua própria desonra.

Hoje, a organização das Nações Unidas encontra-se novamente diante de uma encruzilhada. Duas políticas diversas, duas atitudes contraditórias dominarão, novamente, a próxima assembleia. Uma é a política do imperialismo lanque que visa a fechar o caminho a

negociações pacíficas ou porfiar em sua vergonhosa política de apoio à agressão.

Cabe à O.N.U. escolher entre o caminho das negociações frutuosas e preparar o caminho para o reinício e a extensão da guerra. Essa política encontra sua expressão recente na declaração dos dezesseis que ameaça levar ao território chinês as operações militares se estas se recenderem na Coreia, conforme trama: os Estados Unidos. Outra é a política dos povos, dispostos a superar os múltiplos obstáculos que se erguem no caminho da paz. Essa política se apoia na atuação e no poderio político e econômico da União Soviética, que a expressa em todos os seus atos.

Os fatos recentes e as múltiplas derrotas diplomáticas que tem sofrido o agressor imperialista norte-americano abrem a possibilidade de que a organização que os povos criaram para manter a paz dê alguns passos no sentido de livrar-se da tutela que procuram impor-lhe os milionários de Wall Street. E a história dos últimos anos comprova que mesmo que os representantes dos governos não saibam cumprir o seu dever, os povos, guiados pela União Soviética, continuarão a impor a paz, apesar da O.N.U., assim como souberam impor o armistício na guerra coreana.

Conferência da Mantiqueira, Uma Vitória da Ideologia Proletária

AMARILIO DE VASCONCELOS

A Conferência da Mantiqueira, cujo décimo agora comemoramos, marcou uma vigorosa afirmação da necessidade de existência do Partido Comunista do Brasil como vanguarda organizada da classe operária.

A agressão nazista que, em 1939, marcou o início da Segunda Guerra Mundial, a pérfida invasão da União Soviética em 1941 e a entrada do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo determinaram o acirramento da luta de classe em nosso país.

Com esse acirramento da luta de classe o governo estadonovista de Vargas desencadeou feroz reação contra o Partido Comunista, procurando golpeá-lo de morte. A direção nacional e várias direções estaduais, bem como direções intermediárias do Partido foram brutalmente atingidas e seus membros jogados no fundo dos cárceres. Isso por volta de 1939 a 1940. Nessa ocasião, a reação procurava destruir o Partido através do terror com as prisões, as torturas e os assassinatos. No momento em que o Partido estava sem direção nacional, dura e profundamente atingido, a reação realizava as mais torpes provocações e agressões contra o camarada Prestes. O conhecimento desses fatos pelos comunistas que estavam em liberdade levou a que muitos desses militantes tomassem a iniciativa de reorganizar o Partido para desmascarar esses crimes e denunciá-los à nação. As denúncias das violências cometidas contra Prestes ecoaram em todo o país, repercutiram internacionalmente, fazendo tremer o braço da reação.

Da luta em defesa de Prestes ressurgia o Partido. Inspirados e guiados pelo exemplo do Cavaleiro da Esperança diante dos algozes no Tribunal de Segurança, saudando o 23º aniversário da Revolução de Outubro, membros do Partido articulavam os militantes e organismos que não foram atingidos pelos golpes da reação. A conduta heroica de Prestes foi um fator de extraordinária importância que impulsionou a reorganização do Partido.

Nessa época, surgiram teorias e teorias estranhas ao marxismo-leninismo, combatendo a existência do Partido. Além da tentativa feita pela própria polícia, por intermédio do traidor Bagé, de organizar um Comitê Central, e da criação da chamada «Ala Militar Revolucionária», movimento aventureiro e provocador, organizado pela reação para iludir os militares de 1935 que estavam em liberdade, o renegado Silo Meireles procurava por todos os meios impedir a rearticulação do Partido. Espalhava aos quatro cantos, com sua autoridade de quem já vivera na União Soviética, que com a Ucrânia invadida e Dneprostroi destruída não restava aos povos soviéticos senão a guerra de guerrilhas, durante pelo menos 20 anos, por trás dos Urais. Daí partia para as posições

reboquistas e liquidacionistas que passou a sustentar. A princípio achava que o Partido devia «fingir de morto», não parecer sob hipótese alguma. Se o Partido aparecesse — dizia — Prestes na cadeia poderia ser prejudicado. Qualquer atividade em nome do Partido era apontada como provocação contra Prestes. Ao mesmo tempo que negava à classe operária e a seu Partido a hegemonia e a liderança na revolução brasileira, defendia a entrega da direção da luta revolucionária aos «velhos tenentes» como Eduardo Gomes.

Outros, os que conciliavam com as «teses» do traidor Silo Meireles, cedo levantaram como «solução» a convocação de um «Congresso das Esquerdas» em tempo oportuno e quando todos os presos políticos estivessem em liberdade, de onde, então sairia o Partido da Revolução Brasileira. Isso significava, em primeiro lugar, aceitar a tese da dissolução imediata do Partido, e em segundo lugar, fazer surgir, num futuro incerto e longínquo, em substituição ao Partido da classe operária um conglomerado de pequenos-burgueses. Essa «tese» era uma variação demagógica e embusteira da posição liquidacionista do renegado Silo Meireles.

Com a dissolução da Internacional Comunista, os liquidacionistas procuravam distorcer desonestamente os fatos, para «justificar» as suas falsas posições. Afir-mavam que o desaparecimento da I. C. exigia a liquidação do Partido. Entretanto, a verdade é que a I. C. desabarcava porque cunhira sua missão histórica, enquanto no Brasil tornava-se imprescindível a existência do PCB como força dirigente da Revolução Brasileira.

O desmascaramento implacável dos traidores e liquidacionistas provava a força da classe operária que, através de seus elementos mais esclarecidos forjava o seu Partido. Todos esses esforços e a luta ideológica contra o liquidacionismo preparou a vitória da II Conferência Nacional do Partido, na Serra da Mantiqueira.

A Conferência da Mantiqueira reforçou a unidade do Partido. Pós a última pá de cal na política de organização à base das células de setor, reafirmando a tradicional política de organização da Internacional Comunista, de construção dos Partidos Comunistas à base, fundamentalmente, de células nas grandes empresas. Elegia a nova direção nacional do Partido, democraticamente, pelos votos de 26 delegados vindos de todas as partes do território nacional. Reiterou a linha política do Partido, de União Nacional contra o fascismo, por um Partido Comunista de massas, através da transformação de um peque-

no partido de então num poderoso Partido Comunista de massas.

A Conferência da Mantiqueira realizou-se sob o influxo das grandes vitórias do Exército Vermelho. Já tinha havido a apoteose de Stalingrado. As hordas estavam naquele momento sendo batidas diante do caminho da Ucrânia. cânia para Berlim. Estava na ordem do dia dos Partidos Comunistas do mundo inteiro a abertura imediata da Segunda Frente. Esta foi uma das teses fundamentais da Conferência da Mantiqueira. Nela irrompia com vigor a tradição do internacionalismo proletário do nosso Partido: envio de uma Força Expedicionária para combater nos campos de batalha da Europa. Esse fato consagrava a justiça da linha política do Partido, de União Nacional contra o nazi-fascismo e a quinta-coluna e pelas liberdades democráticas.

Nessa histórica Conferência do Partido ficou resolvido que se realizasse uma grande campanha de antia para Prestes e para os demais presos e condenados políticos.

Prestes em liberdade esmagou de forma radical as «teorias» reboquistas. Silo Meireles foi expulso e o Partido fortaleceu e consolidou sua unidade. Prestes impulsionou a construção de um grande e poderoso Partido Comunista de massas, que conquistou a legalidade e elevou seus efetivos a 200.000 membros.

Comemoramos o décimo aniversário da Conferência da Mantiqueira em situação bem diferente. Se naquele tempo nos inspirávamos nos exemplos do camarada Prestes, hoje contamos com a facilidade de ter o Cavaleiro da Esperança na Secretaria Geral do Partido à frente de nosso povo desfaldando as bandeiras da luta pela paz, pelas liberdades democráticas e a independência nacional.

Atualmente, nosso Partido, sob o comando de Prestes, abre as suas portas para o recrutamento em massa dos melhores filhos da classe operária e do povo, e é chamado a reconquistar a legalidade.

O povo sente que o governo de Vargas não pode dar solução para os seus graves problemas. As massas em lutas que dia a dia crescem de intensidade, voltam-se para o camarada Prestes, para o nosso Partido, o único que pode realmente dar solução para os problemas brasileiros. O único Partido que desmascara o governo da tração nacional de Vargas, servil do imperialismo norte-americano e indica o caminho da luta por um governo democrático-popular.

O Povo Francês Diz Não! A Política de Guerra

A luta do povo francês contra a política de esram os trabalho, por prazos variáveis. No momento, mais de 2.000.000 de trabalhadores e funcionários públicos permanecem de braços cruzados. Paris está ocupada militarmente por tanques, pára-quedistas, e reforços de toda a ordem. O governo já enviou diversos ultimatos aos grevistas e os ameaça com a prisão em massa. Mas a greve continua firme e obstinada.

O FATO DECISIVO

Esta não é uma greve comum ou que apenas se distinga pelo volume impressionante de trabalhadores em luta. Ela apresenta características novas, apresenta um caráter político acentuado e indica que estão em movimento, na França, aquelas «forças profundas» que determinarão o novo curso dos acontecimentos, que farão triunfar uma política de paz e de independência nacional, uma política de liberdade e de progresso social.

O fato decisivo do momento, dizia Maurice Thorez, em seu discurso de 17 de julho perante o Comitê Central do Partido Comunista Francês, é o progresso da idéia da unida-



Maurice Thorez indica ao Comitê Central do P. C. F. como desenvolver a luta pela frente única, na reunião de 16/17 de julho último.

OFENSIVA CONTRA OS TRABALHADORES

O governo de Joseph Laniel apoiado por todos os grupos parlamentares, com exceção dos deputados comunistas, iniciou uma série de decretos-leis contra as conquistas obtidas pelos trabalhadores. O programa atualizado para governar contra a Força foi elaborado conjuntamente por todos os ex-primeiros ministros atlânticos e marshallizados. Ele representa a essência do pensamento da burguesia, os pontos incontroversos entre os principais grupos capitalis-

tas e foi abertamente apoiado por seus lacaios, os dirigentes socialistas de direita.

Esse programa está baseado na continuação da guerra ao Viet-Nam, no Pacto do Atlântico, na crescente militarização da economia. Para equilibrar o orçamento estatal, deficitário por esses motivos, quiseram-se em prática, como anteriormente, medidas anti-operárias. O regime de pensões foi alterado, cancelaram-se os aumentos de salários e

de entre as massas populares. É esse fato decisivo que está bloqueando a reação, desmontando uma a uma todas as suas práticas divisionistas e exigindo a mudança da política executada desde 1947 ano em que os comunistas foram afastados do ministério.

A reação não esconde o caráter político das grandes greves em curso. Os dirigentes governamentais usam uma linguagem militar e traçam planos militares secretos. Diante do progresso das lutas que aumentam de intensidade conspiram para instaurar o fascismo.

as demissões de funcionários tiveram início.

O período escolhido para essas medidas foi o das férias parlamentares.

Procurou-se, pela ausência de debates sobre questões de tamanha importância evitar que se impusesse no Parlamento a voz do povo trabalhador, cuidou-se de criar o precedente para governar a França por meio de decretos-leis, abrindo o caminho para a completa violação das liberdades republicanas.

UNEM-SE OS TRABALHADORES

Apesar de cuidadosamente preparada, a nova investida da reação está sendo levada ao fracasso. Os trabalhadores franceses forjam sua unidade e obrigam as direções da «Força Operária» (socialista de direita) e a central católica a agirem em comum com a Confederação Geral do Trabalho, apoiada pelos comunistas. Um telegrama da A.P.P. transmitido no dia 10, assinalava o «nervosismo reinante entre os dirigentes da Força Operária», informando que as notícias das províncias faziam temer que eles se encontrem diante de um fato consumado em relação à atitude de seus filiados dos

serviços públicos. O principal trabalho do governo, auxiliado pelos chefes socialistas de direita, é isolar o proletariado de sua vanguarda, os trabalhadores comunistas, dirigidos por seu Partido e filiados à C.G.T. No dia 17, quando a pressão das massas já forçara o Partido Socialista a tomar posição pela convocação da Assembléia, os dirigentes da Força Operária participavam de uma conferência de Joseph Laniel com os chefes trabalhistas não comunistas, sob uma guarda de paraquedistas com capacetes de aço.

A QUE PONTO CAIU O NIVEL DE VIDA

Eles conspiram com os grandes capitalistas franceses para piorar ainda mais as condições de vida do povo trabalhador que apresentam aspectos

alarmantes: poder aquisitivo 30% menor que antes da guerra, aumento de acidentes de trabalho (556.000 feridos, em 1947, para 1.700.000, em 1950,

último ano sobre o qual há estatísticas), aumento da produtividade pela elevação do ritmo de trabalho, desemprego crescente.

O QUE A FRENTE ÚNICA DARA À FRANÇA

Contra esse estado de coisas é que se vai organizando a frente única, proposta pelos comunistas, que enfrenta com êxito os múltiplos obstáculos que lhe arripõem. A frente única é a ação e a organização da ação para fins concretos, sob palavras de ordem correspondentes ao interesse de todos os trabalhadores.

As greves na França são o desenvolvimento de um longo processo, representam o crescente amadurecimento da classe operária e dos trabalhadores, na base da unidade de ação. Obrigado a escolher entre duas políticas: a política de submissão ao estrangeiro, de guerra e de fascismo, e uma política de independência nacional e de paz, de progresso social e de salvaguarda das liberdades democráticas, o povo francês tomou o seu caminho.

Dirigido pelo glorioso Partido Comunista Francês é iniciada novas e poderosas ações que se dirigem para a criação de um governo de união democrática que assegure os interesses materiais do povo, o respeito às liberdades, a reconquista da independência nacional e a paz.

QUE É HOLLYWOOD?

A ideologia dos filmes de Hollywood é essencialmente determinada pelos interesses do imperialismo americano. O conteúdo dos filmes nos últimos dois anos acompanhou paralelamente a brutalidade destruidora da guerra coreana.

O nascimento do filme americano coincide com a época do imperialismo. A propaganda de guerra e de conquista, a propaganda da «supremacia do branco» e da opressão dos povos coloniais não é um aspecto recente ou acidental da produção de Hollywood. Essa propaganda caracteriza toda a história do cinema nos Estados Unidos, desde «Tearing down the Spanish Flag» (Pondo abaixo a bandeira espanhola) de 1898, até o último filme sobre a guerra da Coreia.

(John Howard Lawson, «Hollywood: Ilusão e realidade» — «Masses & Mainstream», julho de 1952).

Hollywood é hoje o mais importante apoio cultural do imperialismo americano. Com bases econômicas estendidas pelo mundo, superando, mesmo, os sonhos de um Goebbels, Hollywood atua como a mais importante arma ideológica de que se serve Wall Street para esmagar a resistência dos povos do mundo, para desarmar seus intelectuais, para quebrar a vontade de independência e de igualdade de direitos das nações e das minorias.

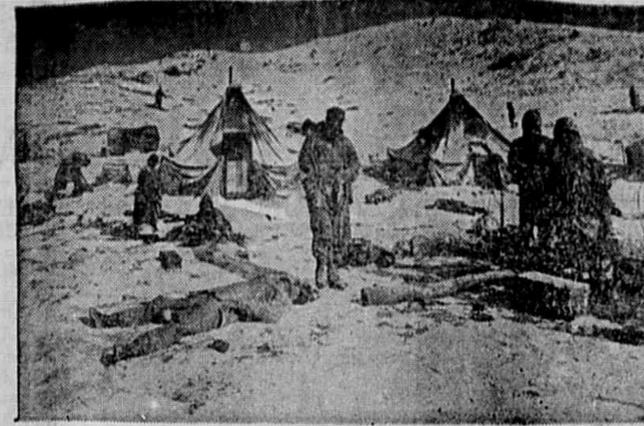
(John Alexander, «Dois campos no mundo do cinema» — «The Modern Quarterly», de 1951-1952).



Em «Sangue por glória» (com James Cagney), os fuzileiros navais americanos que lutaram na guerra imperialista de 1914-18 são apresentados como «super-homens». Com este filme — realizado em 1952 — Hollywood tratava de exaltar os mesmos combatentes que, agredindo a Coreia, eram vergonhosamente derrotados...



Filme realizado em 1949, «O preço da glória» focalizou a situação de uma unidade americana cercada pelos nazistas em fins de 1944. É um filme típico de propaganda de guerra. Note-se a postura deste soldado lanque: indiferente ao troar dos canhões nazistas, calmamente fritando ovos em seu canoete...



E aqui, um filme sobre a guerra da Coreia: «Só os covardes se rendem». A fita foi realizada pelo próprio governo americano («A United States Picture Productions») e se destinou a levantar e baixíssimo moral dos seus soldados, os quais não compreendiam a guerra selvagem contra o pacífico povo coreano.

Hollywood Dispara Seus Canhões...

Não é de hoje que o cinema americano produz filmes de guerra. Trata-se de uma das suas mais antigas preocupações. Basta dizer que um dos primeiros filmes feitos nos Estados Unidos, intitulado «Tearing down the Spanish flag» (Pondo abaixo a bandeira espanhola), em 1898, foi um filme de guerra. Contendo o único episódio — a substituição da bandeira espanhola por uma bandeira americana no alto de uma montanha de Cuba — o filme correspondia à política dos Estados Unidos que, naquela época, estavam empenhados em dominar as Américas lutando contra seus concorrentes, os colonialistas europeus.

Como instrumento poderoso de penetração nas massas, como arma do arsenal ideológico do imperialismo, o cinema americano sempre foi orientado diretamente pelos grupos econômicos de Wall Street. Lewis Jakob, crítico cinematográfico americano, dá uma clara demonstração desse fato em seu livro «The rise of the American Films» («O nascimento do cinema americano»). Em 1916 — conta Jakob — os grupos econômicos americanos já tinham grandes interesses em jogo na Europa e eram obrigados por isso a participar da guerra imperialista que ensanguentava o velho mundo. Até então, os Estados Unidos restringiam sua política agressiva aos países semicoloniais das Américas e às ilhas do Pacífico. Mas, com a eclosão do conflito entre os imperialistas europeus, os monopolistas americanos viram a oportunidade de entrar na guerra e auferir grandes lucros.

UM OBSTÁCULO A REMOVER

Nesse caminho, contudo, se levantava um sério obstáculo, a vontade de paz do povo americano que longe da política de guerra que dominava a Europa, não se prestava para carne de canhão. Tanto assim que no começo do século existia nos Estados Unidos uma quantidade considerável de sociedades pró-paz de fundo humanitário. O crescimento do sentimento pacifista nos Estados Unidos nos anos precedentes à guerra era rápido e vigoroso, multiplicando-se de ano para ano as organizações pacifistas.

Tratava-se, então, para os imperialistas de Wall Street, em primeiro lugar, de remover esse obstáculo. Como fez-lo? Levando a efeito uma profunda e extensa preparação do povo americano para a guerra. Nesta situação o cinema não poderia ser esquecido. Pelo contrário, foi utilizado desde o primeiro momento para a propagação da lúbia belicista.

DE QUE TRATAVA, ENTÃO, O CINEMA AMERICANO?

Por esse tempo, os filmes americanos tratavam do problema da guerra de um ponto de vista ferozmente pacifista, exatamente de acordo com os interesses de Wall Street. Vejamos um exemplo. O filme «War Brides» («Noivas de Guerra»), produzido em 1916 figurava um certo país, que, segundo todas as indicações era a Alemanha, então em guerra com os Aliados. O filme conta a história de uma jovem operária que se projeta como líder dos trabalhado-

res, suicida-se gritando: «Não de crianças para a guerra». As mulheres que a cercam carregam seu corpo em procissão e juram continuar a luta pela paz, tomando a jovem como símbolo.

A que correspondia esse filme? A política do cinema americano que pregava a neutralidade, mas que se apoiava secretamente nos aliados. Apressando um ataque de hostilidade à guerra contra a Alemanha, o cinema americano estimulava a Inglaterra e a França, principalmente, a pegar armas e ir para a guerra.

A ENTRADA NA GUERRA: HOLLYWOOD ACOMPAHA A VIRADA

Este como outros filmes do gênero, porém, já não se dá aos objetivos da política do governo americano, mas sim aos interesses dos Estados Unidos. A notícia da morte do marido deixa-a revoltada. Ela, então, encabeça um movimento clamando pela cessação imediata do conflito. A campanha ganha corpo rapidamente e o governo, considerando o fato uma traição, prende o condão à morte a antiga operária. Entretanto, sua condão de viúva de um herói da guerra se motivo para que a pena seja revogada e ela posta em liberdade. Apesar disso, ela continua a lutar e promove uma grande passeata até o palácio do governo. Ai, é fre-

de

Reportagem de NELSON PÉREIRA DOS SANTOS

dos do mesmo tipo suniram das telas americanas, e não somente durante a guerra... «Intocâncias» de Griffith, uma das obras primas do cinema mundial, de realização caríssima, teve suas filmagens interrompidas. Os bancos de Nova York fecharam as portas daquele cinema. Essa fita, contudo, dentro do mais profundo espírito pacifista e humano, foi boicotada de todas as maneiras. Griffith, afinal, realizou-a mas ao preço da sua ruína financeira.

A EVOLUÇÃO DO FILME DE GUERRA

«The battle cry of peace» («O grito da batalha da paz») foi o primeiro filme americano, feito por incumbência especial de Wall Street para convencer abertamente o povo americano da necessidade de sua participação na guerra imperialista. O diretor desse filme, John Stuart Blackton, o mesmo que realizara «Tearing down the Spanish flag», numa conferência que pronunciou na Universidade da Califórnia do Sul, em 1929, declarou: «The battle cry of peace» foi uma propaganda para que os Estados Unidos entrassem na guerra. Foi feito deliberadamente para este fim.

Vasado num tom tipicamente chovinista o filme tratava de convencer o povo america-

no de que seu futuro e sua liberdade dependiam da sorte da guerra imperialista. Por isso mesmo, o povo americano deveria participar da guerra, enviando sua juventude para a carnificina na Europa. A essa fita seguiu-se uma enxurrada de outras, sempre dentro do esquema chovinista, apresentando os Estados Unidos como um paraíso, que justificava qualquer sacrifício. Com isso, o cinema americano criava um novo gênero: o filme de guerra. Esse gênero, desde então, se tornou uma das preocupações fundamentais de Hollywood. Não acontecia por acaso: Wall Street ganhava milhões com a guerra e na execução dessa política lucrativa e sangrenta os filmes americanos desempenhavam importante papel.

HOLLYWOOD ENTRE AS DUAS GUERRAS

O filme de guerra evoluiu, transformando suas características sempre de acordo com as diferentes formas da política de agressão e de dominação dos monopólios americanos. Entre as duas guerras mundiais Hollywood fazia filmes propagando o estilo de vida americano. As películas de guerra focalizavam então os soldados americanos como bons combatentes, capazes de atos de heroísmo porque eram filhos de um país onde havia «liberdade» e «democracia». Exceção, por essa época, é «Nada de novo na frente ocidental», que alcançou grande sucesso em todo o mundo. Esse filme, com uma forte dose de realidade, mostrava a brutalidade de uma guerra. «Nada de novo na frente ocidental» foi produzido durante a grande crise de 1930.

WALL STREET TINHA SEUS OBJETIVOS

A guerra contra a escravidão nazi-fascista foi apoiada pelos povos amantes da liberdade, entre eles o povo americano. Wall Street, porém, embora participando da guerra contra o nazi-fascismo, tinha seus próprios objetivos: eliminar os seus mais poderosos concorrentes, a Alemanha e o Japão, apoderar-se dos mercados estrangeiros, das fontes mundiais de matéria-prima a conquistar o domínio mundial. Quase todos os filmes de Hollywood refletiram precisamente essa política. Procura-

vam mostrar a «superioridade do americano», a «inferioridade» dos povos orientais e mesmo dos próprios negros americanos — como combatente. Oculando sistematicamente as decisivas vitórias das Forças Armadas Soviéticas — que suportaram sozinho o peso da guerra — tentavam criar a falsa impressão de que os Estados Unidos cabia o papel fundamental na derrota dos agressores fascistas e que, portanto, eram os salvadores e dirigentes do mundo...

Durante a segunda guerra mundial, o imperialismo americano cravou mais profundamente suas garras na América Latina, particularmente no Brasil. Hollywood, no mesmo tempo que facilitava essa penetração, se tornava um dos seus maiores beneficiários. Os filmes americanos passaram a quase que a monopolizar o cinema brasileiro. Ainda hoje, o Brasil é em todo o mundo — depois dos próprios Estados Unidos — o país onde os filmes americanos entram em maior percentagem. Cerca de 80 por cento das fitas exibidas em nossos cinemas são americanas.

UMA TAREFA ESPINHOSA...

Vestir com a roupagem de «democracia», «liberdade», ou «paz» o programa agressivo e guerreiro dos monopólios americanos não é tarefa das mais fáceis... E este o grande problema que se apresenta a Hollywood e que os magistas do cinema não estão tendo sucesso em resolver. Durante a segunda guerra mundial as «teorias» da agressão a Hitler — como a do «espaço vital» de Hitler — foram desmoralizadas diante dos povos. Propaganda ideológica belicista tornou-se difícil para Hollywood, pois já não pode mais utilizar o pretexto do «patriotismo», nem a luta contra os «inimigos da humanidade». Hoje, é cada vez mais claro para todos os povos que os inimigos da humanidade são os próprios militaristas lanques — os mesmos donos de Hollywood.

Entretanto, Wall Street precisa desesperadamente da guerra. E Hollywood trata então, de se adaptar às novas circunstâncias. Em primeiro lugar, os filmes americanos procuram inculcar a falsa ideia de que a guerra é, e sempre será necessária.

«O PREÇO DA GLÓRIA»

Tomemos um exemplo característico: «O preço da glória», filme de Metro Goldwin

Mayers, empresa financiada pelo poderoso Banco Morgan. Esse fita conta as «facanhas» de uma divisão de fuzileiros navais cercada pelos alemães no norte da França, em 1944. Numa pausa entre dois bombardeios o capitão militar celebra um ofício religioso e com «senso prático», improvisa um altar no cofre do motor de um «jeep». No sermão, o sacerdote adverte os soldados de que a guerra não terminaria com a derrota do nazismo, que ela deveria continuar contra os «opressores» que ainda existiam no mundo... Por isso, os soldados não deveriam abandonar as armas nem pensar no lar, porque a «guerra sagrada» continuaria. Esse filme foi feito em 1949, isto é, quatro anos depois de terminada a última guerra mundial.

A fita tem outra característica comum aos atuais filmes de guerra americanos: pretende mostrar a guerra como um esporte um tanto violento algumas vezes, mas sempre agradável de ser praticado...

«O preço da glória», como outros filmes americanos desta fase de após-guerra, tem também como objetivo intimi-

dar os povos coloniais e semicoloniais. Pinta em cores favoráveis os exércitos dos Estados Unidos apresenta-os poderosos e invencíveis e os soldados americanos como «super-homens». Como se vê é, uma tarefa ingrata, porque ao lutar por uma causa injusta, de que é exemplo a agressão à Coreia, os soldados americanos se comportam de maneira bem diferente da que apresentam os filmes de Hollywood...

Os filmes sobre a guerra da Coreia são vaiados em todo o mundo e mereceram a repulsa mesmo do povo americano que sentiu na própria carne a dolorosa realidade — centenas de milhares de mortos e feridos — daquela selvagem aventura no heroico país de Kim-Ir-Sen.

OS POVOS RESPONDEM AOS FASCISTAS IANQUES

A propaganda de guerra dos filmes americanos encontra crescente resistência por parte de todos os amantes da paz. No Brasil, é maior de dia para

da, a preferência do público pelos filmes nacionais e de procedência europeia, mexicana, argentina, etc.

Dessa maneira, os povos respondem também a acentuada decadência artística dos filmes de Hollywood que são tão estandardizados quanto as peças dos automóveis de Detroit.

A política de fascitização, de guerra e agressão de Wall Street se reflete também em Hollywood no boicote e na perseguição aos cineastas honestos e na degradação de muitos outros diretores, argumentistas e artistas. É conhecido o caso dos «Dez de Hollywood», São os mais famosos, os melhores homens do cinema americano, aqueles ainda capazes de produzir filmes de valor artístico e humano. Foram processados e encarcerados.

Houve, também, os que se «degraram», como Dmytryk, Elia Kazan e outros, capturados diante do policiamento do Comitê de Investigações das Atividades Antiamericanas em Hollywood.

Outros ainda, preferiram abandonar o cinema a fim de manter sua dignidade e integridade profissional.



Até mesmo em filmes cômicos a propaganda de guerra está presente. Eis uma cena de «He-ros... da retaguarda» («Up front»). Este filme, produzido pela «Universal» em 1951 (em plena guerra da Coreia), procura apresentar a guerra como algo divertido e engraçado.



Os filmes de guerra americanos se insinuam a todos os gostos. Nunca faltam, por exemplo, os romances, ou, pelo menos, cenas de amor, em plena batalha... No filme «Arrancada Final» («The tanks are coming»), a «Warner» chegou a lançar uma nova estréia, Mari Aldon. Não obstante, como diz a propaganda do filme, «o tanque «California Jane» é tão artista quanto os outros artistas de carne e osso, isso porque ele é o personagem central de uma história que jamais poderia ser contada sem a sua presença...» (O grifo é nosso).



A poucos quilômetros da frente de batalha os fuzileiros navais lanques que lutam em «Sangue por glória», encontram um cabaré igualzinho aos do mundo. Quando este filme era realizado — em 1952 — os fuzileiros navais americanos estavam vivendo uma situação muito diversa na Coreia... Hollywood é hoje um símbolo da guerra americana.



Outra cena de «Só os covardes se rendem». Ao chegar à Coreia, o rapazinho americano que estava «ansioso por matar comunistas» olha risonho para a terra onde se vai desembarcar. Depois, em contacto com a realidade, torna-se um covarde. Mas, no fim do filme, como intencionalmente a Wall Street, transfigura-se num herói e mata milhares de coreanos e chineses...

EM APOIO AO CINEMA NACIONAL

Para o Brasil, além da nefasta propaganda de guerra, os filmes americanos representam uma bomba de sucção do dinheiro do país. Hollywood constitui-se no principal inimigo da indústria cinematográfica brasileira, que não obstante enfrenta a concorrência.

Já no seu I Congresso, realizado há menos de um ano, os cineastas brasileiros compreenderam a necessidade de lutar contra a penetração dos monopólios de Hollywood no país e contra o conteúdo nefasto desses filmes, como o primeiro passo para

a estruturação do cinema brasileiro livre e independente. Nessa luta, os cineastas brasileiros contam com o apoio de todo o nosso povo, que ama a paz e deseja que o cinema nacional ocupe o destacado posto que lhe cabe, no campo da cultura e da arte.

OS HOMENS DO MAR ESTÃO VIGILANTES

CONTRA A UNIDADE DE AÇÃO DOS TRABALHADORES DO MAR ESBARRAM E SE ARREBENTAM OS SEUS MAIS FERÓZES INIMIGOS



Concentração dos marítimos em frente ao Tribunal do Trabalho e ao Ministério do Trabalho durante a greve geral. Essa foi uma das grandiosas manifestações que se realizaram no Distrito Federal em que os trabalhadores do mar ganharam as ruas exigindo respeito aos seus direitos e o cumprimento integral de suas reivindicações consubstanciadas no Acordo dos 25 itens que o governo de Getúlio e os patrões foram obrigados a aceitar ante a força que representava a unidade e a organização dos 100.000 trabalhadores em greve. Hoje, como durante os dias da greve, os marítimos continuam unidos e organizados nos navios e nos arsenais, prontos a responder vigorosamente aos golpes dos seus inimigos.

— «Promove-se um verdadeiro complô no próprio gabinete do Ministro do Trabalho, a fim de nomear para a Junta Governativa da Federação, não os companheiros indicados pela corporação mas outros nomes indicados pelo Almirante Waldemar de Araujo Metz...»

«Estamos prontos para renunciar à indicação de nossos nomes. Só o faremos, porém, em favor daqueles que a corporação apontar, porque nesta altura já não somos donos da nossa própria vontade, mas sim representamos a vontade da classe».

Assim se expressa o Comando Geral da Greve dos Marítimos, com Emilio Bonfante Demaria à frente, no Manifesto lançado para denunciar a trama do governo e do seu Ministro Jango Goulart para arrancar dos marítimos os frutos da sua vitória, e de modo particular o controle da Federação Nacional dos Marítimos da qual foi expulso o pelego «Laranjeira». Os 100.000 trabalhadores do mar estão unidos e organizados dispostos a não permitir que outros nomes que não aqueles que foram indicados, sejam postos pelo Ministério do Trabalho à frente da Federação.

Os marítimos não depuseram as armas

Os homens do mar estão vigilantes. A vitória conquistada nos duros embates dos dias de greve foi, acima de tudo, o fruto da unidade de ação que se forjou entre todos os marítimos do Brasil. Terminada a luta os marítimos não depuseram as armas. Continuaram a fortalecer os seus sindicatos, a organizar os seus Conselhos nos locais de trabalho — nos navios e nos arsenais — e a exigir o pronto cumprimento dos acordos firmados com os patrões e o governo.

Aqui ou ali, surge um problema. O patrão ou o governo, rompe um compromisso. Imediatamente, os trabalhadores se reúnem em seus Conselhos e se comunicam com o Comando Geral. Eles mantêm-se unidos para fazer cumprir o Acordo dos 25 itens e, a cada ação dos seus inimigos, respondem com a ação unida e organizada.

Ainda agora, obedecendo à ordem do Comando Geral, estão parados em Baía Barão, o «Loide Cuba» e o «Comandante Pessoa». Suas tripulações só retornarão ao serviço quando receberem o pagamento dos salários do mês vencido que estão atrasados.

Quase duplicou o efetivo do Sindicato

Os Sindicatos não cessaram de se reforçar a partir da greve

ve. As assembleias são cada vez mais frequentes. Os trabalhadores é que resolvem os seus problemas e, não apenas a diretoria ou alguns membros. As assembleias são convocadas com o fim de discutir aumento de salários, o cumprimento do Acordo dos 25 itens, um protesto contra arbitrariedades cometidas pelos patrões ou pelo governo, o julgamento de um traidor ou fura-greve, como enfrentar a carestia ou participar de Congressos e Conferências que interessam aos trabalhadores do Mar.

Os Sindicatos dos homens do Mar fundem sua luta diária com os preparativos do Congresso Sindical Mundial. Alvaro de Souza, presidente do Sindicato dos Remadores, Moços e Marinheiros foi eleito em assembleia pelo seu Sindicato e pelo dos Taisfeiros como delegado ao Congresso de Viena. Uma assembleia de 1.000 operários navais discutiu e autorizou a Diretoria do seu Sindicato a enviar um delegado ao Congresso.

Nesse intenso movimento, aumentam rapidamente os efetivos dos Sindicatos. Só o Sindicato dos operários navais, desde a deflagração da greve, passou sindicalizados 3.000 tra-

balhadores, contando hoje o Sindicato com 7 mil socios.

Greve contra as violências do genro de Getúlio

A recente greve política pôs à prova a unidade e a força dos operários navais. Ela foi a resposta à arbitrariedades da polícia de Niterói que prendeu 2 componentes da Comissão de operários navais que tinha ido levar sua solidariedade aos grevistas rodoviários da capital fluminense.

Como se tratasse de trabalhadores da Ilha de Mocanguê, pertencente ao Lote Brasileiro, o Conselho Sindical dessa ilha foi convocado. Na noite do almoço, centenas de trabalhadores se reuniram e acertaram as medidas a tomar, comunicando o fato aos seus companheiros da Cia. Costeira e da Comércio e Navegação. Daí é que seguiram para o Sindicato.

Mais de dois mil trabalhadores acorreram ao Sindicato. A assembleia, em vista da negativa da polícia de Amaral Peixoto em libertar os presos, decretou a greve, por unanimidade. Apenas alguns nomes que não tinham tomado conhecimento da ação, foram ao trabalho. Entretanto, logo depois reclamaram pelo fato de não terem sido avisados a tempo.

Diante disso, a polícia de Amaral Peixoto e Barcoos Feio libertou Roberto Moreira Sampaio, antes porem ficando-o como comunista. Os comunistas, porém, são reconhecidos pelos seus irmãos trabalhadores como fiéis e intranseguros defensores de seus direitos e reivindicações. Por isso, todos os que se colocam ao lado dos trabalhadores, são chamados de comunistas.

A LUTA CONTINUA FIRME

Os trabalhadores dos navios e dos estaleiros de todo o Brasil se temperaram durante os dias da greve geral. Sua força repousa em sua organização nas empresas, na sua unidade de ação contra a qual esbarram e se arrebatam os seus inimigos empoleirados no governo de Getúlio e os patrões exploradores.

Hoje, a luta continua tão firme quanto durante a greve. Os 100.000 marítimos de todo o Brasil avançam para consolidar suas conquistas, alicerçar definitivamente sua organização e obter novas e importantes vitórias.

O outro, Mirton Nogueira, continuava preso, enquanto os grevistas estabeleciam um prazo de 10 dias para a sua libertação, findo o qual nova greve seria deflagrada.

«Essa é a justiça de Getúlio»

A grande assembleia de encerramento da greve de protesto de 24 horas constituiu um acontecimento importantíssimo. Os oradores se sucediam denunciando o governo de Getúlio, de Amaral Peixoto, de Jango Goulart, como inimigo dos trabalhadores, pois, o fato havia sido comunicado a eles por Comissões, e pela diretoria do Sindicato, mas as do governador do Estado do Rio de Janeiro, o secretário de Segurança Nacional e a disposição do Judiciário.

Em meio à indignação geral na sede do Sindicato que fervilhava, falou entre outros o operário Moisés Pereira — «Essa justiça é de Getúlio, de Amaral Peixoto e do Coronel Barcelos Feio. Se não quisermos permitir que nosso companheiro seja massacrado pela polícia e condenado por esse governo de traição, temos que usar a nossa força que é a nossa justiça. A nossa luta agora é um dever patriótico em defesa dos nossos direitos de trabalhadores. Se não tomarmos essa decisão, amanhã a vítima poderá ser um de nós».

Quase todos os oradores, com profunda indignação protestavam contra as arbitrariedades e exigiam a demissão de Barcelos Feio da Secretaria do Interior, enquanto a assembleia vibrava com a atitude dos seus companheiros. Naquele momento, a classe operária empreendeu uma luta direta contra a máquina do Estado opressor dos trabalhadores.

7 DIAS NO BRASIL

DIA 13 — Cerca de 10.000 operários navais do Rio realizaram uma greve política de 24 horas exigindo a liberdade de seus companheiros presos. Dois deles foram soltos e prossegue a luta pela liberdade do terceiro.

— Pronuncia-se o deputado Felis Valois contra a projetada «lei de infidelidade», acusando-a de pior e mais perniciosa à democracia que a lei do Estado de guerra de 1935.

— Nos debates sobre os escândalos da imprensa acadêmica na Câmara, revela-se que o SEST distribui dinheiro aos jornais para que combatam o comunismo e defendam o estado de opressão e miséria vigente.

DIA 14 — Reunido o Conselho Nacional Deliberativo da União Nacional dos Servidores Públicos, que vota um protesto veemente contra a «lei de infidelidade», propondo substituí-la por uma lei contra as negociações com os dinheiros públicos.

— Combatem os srs. Orlando Dantas e Carmelo D'Acosta, na Câmara, o monopólio do comércio exterior do Brasil pelos trustes americanos pronunciando-se a favor do comércio livre com todas as nações, inclusive a URSS.

— Define-se o deputado Alberto Botino contra a «lei de infidelidade», declarando: «Se alguém quer ser comunista, que o seja. A Constituição o garante».

DIA 15 — Em reunião da diretoria e do Conselho Consultivo do Movimento Brasileiro das Partidários da Paz é lançada a ideia da realização, em breve de um Congresso por Entendimentos e pela Paz, vitória a greve dos navios em São Luis que obtiveram 100% de aumento em seus salários.

DIA 16 — Em entrevista à imprensa, pronuncia-se o senador Mozart Lacerda contra a «lei de infidelidade», anunciando que votará contra o projeto, endossando o estatuto de exceção, peticionando sob todos os aspectos à Constituição da República.

DIA 17 — Como resultado das manifestações realizadas a noite, o jornal popular do Movimento Operário uma primeira vitória, com o mandado de busca nunca determinado a polícia desocupar e deixar semitruas instalações.

— Reunidos o comando geral da greve dos marítimos e a diretoria eleta da Federação dos Marítimos, deliberam denunciar as manobras do Ministério do Trabalho, Jango Goulart visando a desvirtuar a corporação e substituí-la por nomes de filiação conhecida pela massa. Desejam os marítimos a realizar novas greves para defender suas conquistas.

— Após uma semana ainda de protestos, é liberado o operário vitimado Antonio Galois, após finalmente por se ter solidificado com a greve greve vitoriosa dos metalistas de Niterói e São Gonçalo.

DIA 18 — Em vibrante manifesto, o Conselho Nacional do M R P P anuncia toda a nova tendência a manutenção do grandioso Plebiscito Nacional no Rio de Janeiro.

— Termina satisfatoriamente, após um mês de luta, a greve dos operadores de Recife, que obtém 25% de aumento.

— Contínua a luta, com a participação de todos os marítimos, para a apoiar o Plebiscito Nacional no Rio de Janeiro.

Em Marcha Para o III Congresso Sindical Mundial

Os trabalhadores de 20 empresas metalúrgicas de São Paulo, dentre as quais as fundições «Matarazzo», «Souza Nosques», «Atlas», a «Siderúrgica Intrepida» e a «Metalúrgica Paulista», discutiram o Manifesto de apoio ao Congresso Sindical Mundial aprovando também importantes moções.

Os sapateiros do Distrito Federal em assembleia realizada no Sindicato elegeram como delegado ao Congresso Sindical Mundial, o seu companheiro Gervásio Teles. Nessa assembleia, o deputado Roberto Moreira falou sobre o importante conclave de Viena, sendo muito aplaudido pelos trabalhadores.

Eugênio Moretti e Rafael Martins da Silva, da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André foram eleitos em movimentada assembleia como delegados ao importante encontro mundial dos trabalhadores em Viena. Foi lido e debatido o manifesto de convocação do III Congresso Sindical Mundial.

está em plena atividade em prol do III Congresso Sindical Mundial. Os membros da diretoria trabalham febrilmente e há a possibilidade de serem enviados 2 delegados à Viena.

Os metalúrgicos da «Ferro Maleável», nesta capital, reunidos no sindicato, elegeram o seu companheiro José Lelis como candidato ao Congresso de Viena. Inúmeras listas correm pelas empresas metalúrgicas colhendo assinaturas para eleger o representante metalúrgico, pois, além de José Lelis há outros candidatos.

Já se encontram eleitos os seguintes delegados do Distrito Federal ao Congresso Sindical de Viena: João Parana de tesoureiro do Sindicato dos Operários Navais; Alberto da Costa Pinto de Secretário do Sindicato dos Jornalistas; Alvaro de Souza — Presidente do Sindicato dos Marinheiros e membro do comando de greve; Gervásio Teles de Secretário do Sindicato dos Sapateiros.

ESTE CONGRESSO SIMBOLIZA UMA GIGANTESCA ASSEMBLÉIA

— 407 ASSEMBLÉIAS REALIZADAS EM TODO O BRASIL CONSTITUÍAM O FORTE APOIO DO I CONGRESSO BRASILEIRO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL QUE REPRESENTOU MAIS UM PASSO NA UNIDADE DE AÇÃO DOS TRABALHADORES DE NOSSA TERRA
Reportagem de STÊNIO DE CARVALHO

«... O IAPI, em dezembro de 1951 já havia feito empréstimos hipotecários a terceiros no valor de 722 milhões de cruzeiros. Enquanto isso, vive o associado sem habitação, sem assistência farmacêutica, sem amparo para a família, mas mensalmente, recebe o salário já descontado da importância correspondente à contribuição para a Previdência. Para que esta contribuição? Que ironia! para empréstimos ao governo, para empréstimos a terceiros, para grandes e sumtuosas inversões imobiliárias que muitas vezes acobertam negócios ilícitos. E, para o trabalhador? Fica o dever de contribuir, o desconto compulsório em folha, um desorganizado serviço de assistência...»

Assim falava Heremito Dourado em nome da delegação baiana, na instalação do I Congresso Brasileiro de Previdência Social, bem nas barbas de Jango Goulart presente à solenidade. Durante os 5 dias de duração do Congresso — de 4 a 8 do corrente — que reuniu 1.084 delegados dos trabalhadores de todo o Brasil, ouviram-se centenas de denúncias e acusações contra a assistência e a previdência de Getúlio. Tomaram-se importantes resoluções no sentido de entender e melhorar a assistência social aos que trabalham.



A mesa que presidiu a terceira reunião do Congresso Brasileiro de Previdência Social

Gigantesca Assembléia

Cada delegado que ali estava tinha o seu apoio na massa operária do seu setor que o elegeu e o credenciou em movimentadas assembléias sindicais. Ali estavam Antônio Chamorro e Nelson Ruschke que falavam em nome de 80 mil têxteis de S. Paulo; Francisco Gonçalves, presidente do Sindicato dos Têxteis do Distrito Federal e presidente da Comissão Nacional Patrocinadora da Delegação Brasileira ao III Congresso Sindical Mundial; os representantes dos têxteis mineiros e pernambucanos. Delegados dos metalúrgicos, dos gráficos, bancários, marítimos. 407 assembléias em todo o Brasil, constituíram o apoio desses delegados.

A ação de cada delegado era acompanhada nas empresas e nos sindicatos pelos trabalhadores que o elegeram como se estes também estivessem participando das discussões. Um dos delegados declarava: «Fomos eleitos em nossos sindicatos. Este Congresso simboliza uma gigantesca assembléia com a participação de centenas de milhares de trabalhadores».

Exemplo frisante dessa atenção era o que se passava entre os trabalhadores da Cia. Viação Baiana do Rio São Francisco. A eleição do seu delegado por esmagadora maioria dos fluvianos repercutiu ao longo de todo o rio. Do Congresso éle diariamente passava um telegrama para Juazeiro informando do andamento dos debates. O telegrama lido no Sindicato e na emissora de rádio local era ouvido nos navios e nos portos com enorme interesse.

Frustradas as manobras do Jango

Muito embora combatido desde o início pelas Federações e Confederações onde ainda pontificam os elementos de confiança do go-

verno e do Ministério do Trabalho — os siduifos pequenos, os laranjeiras e outros que comem na gamela de Jango — o Congresso obteve êxito, os trabalhadores foram vitoriosos.

É que a classe operária cresce em vigor, empenha-se em lutas importantes e derrota a política anti-operária de Getúlio como bem demonstraram as recentes greves dos marítimos e dos operários de S. Paulo.

Os sindicatos crescem e se fortalecem como os dos têxteis e metalúrgicos paulistas que triplicaram o seu efetivo e evoluíram politicamente. Nêles, contrariando as imposições do ministério, não se discute apenas aumento de salários mas todas as questões que dizem respeito à classe operária, aos seus interesses.

Não podendo impedir a realização do Congresso, diante da força crescente e irresistível da classe operária, o Ministro tentou penetrar no movimento, utilizando-se dos seus instrumentos que defenderam Getúlio — inimigo dos trabalhadores — e lançaram a palavra de ordem de «mal tal república sindicalista» que não teve ressonância. O recém-nomeado ministro tinha ilusões ainda, ao se iniciar o Congresso. Começou por distribuir cartões com o seu retrato contendo frases de caráter fascista, defendendo a «paz Social» para mais facilmente os trabalhadores serem explorados pelos patrões.

Protesto unânime contra a política Anti-operária do Governo

As tentativas foram frustradas. A classe operária não se submete a freios de nenhum Jango, nem se ilude com suas palavras. No decorrer do Congresso, a demagogia veio por água abaixo. Ali mesmo, em Niterói, os tra-

balhadores em greve por seus direitos eram ferozmente espancados pela polícia. Essa, a denúncia que chegava ao plenário.

O protesto foi unânime, a sessão suspensa e enviada uma Comissão de 33 trabalhadores a Niterói para protestar contra os desmandos dos «tirões» de Getúlio e de seu genro Amaral Peixoto. Os delegados se agitavam. Inúmeros ocuparam o microfone, dentre os quais o representante da Bahia que declarou: «É lamentável que quando se realiza um Congresso deste, companheiros sejam assim descaradamente espancados tendo o seu sindicato cercado pela polícia. Há pouco ocorreu o mesmo na greve dos tranviários de Santos, já denunciado aqui pelo companheiro Milton Marcondes da delegação paulista. Da Bahia não pôde vir um dos delegados, por ter sido arbitrariamente preso.»

Desmascarada a assistência social de Getúlio

No calor dos debates e das votações, forjava-se a unidade que foi a característica dominante neste importante Congresso, ferozmente combatido pelos jornais dos patrões e do governo. Inúmeras e importantes teses relaciona-

De Washington

«Frustração, humilhação, confusão e quase desespero, eis como vários estadistas de longa experiência nesta capital consideram a atual atitude de Washington, quando, desviando-se da consideração dos casos menores da política local, olham o cenário mundial...»

Aliás, personalidades — congressistas e diplomatas — reconhecem que o quadro

com a melhoria e a extensão do seguro e previdência foram aprovadas — monopólio do seguro de acidentes para os Institutos e Caixas, extensão dos benefícios de seguros e previdência aos trabalhadores agrícolas, direção dos Institutos e Caixas nas mãos dos contribuintes, etc. — e desmascarada a assistência social de Getúlio e Jango.

Foram aprovadas por esmagadora maioria as conclusões e resoluções da Conferência Mundial de Seguro e Previdência Social, que se realizou em Viena por convocação da Federação Sindical Mundial.

O que ficou claro é que sempre que os trabalhadores se reúnem para tratar de seus problemas e reivindicações, defendem o programa de lutas da F.S.M. — o mesmo que o da CTAL e da Confederação dos Trabalhadores do Brasil — contra a vontade dos homens do governo. O telegrama de saudação da F.S.M. ao Congresso, foi recebido por estrondosa salva de almas. O mesmo ocorreu quando o deputado Roberto Moreira mostrou a importância do Congresso Sindical Mundial, para a classe operária de nossa terra.

Vitória da classe Operária

Apesar de todas as tentativas divisionistas dos peléjos, das ameaças policiais e da demagogia do Ministro do Trabalho e outros inimigos, a classe operária saiu fortalecida. Foi reforçada a sua unidade de ação e a unidade orgânica que avança a passos largos para abarcar todos os milhões de trabalhadores de nosso país para a conquista de novas e importantes vitórias.

O Congresso culminou com a eleição da Comissão permanente da qual participam delegados de todos os Estados, encarregada de zelar pelas resoluções tomadas.

Hoje, os delegados, de volta aos seus locais de trabalho, empenham-se ao máximo para convocar amplas assembléias em seus sindicatos a fim de dar conhecimento aos seus companheiros da sua atuação, organizar as Comissões de Previdência nos Sindicatos e nas empresas para levar a prática, imediatamente as decisões do Congresso.

SÃO ELES QUE DIZEM...

mundial, pintado em Washington nos últimos sete anos, está se dissolvendo sob suas vistas. A Europa Unida, construída com 15 dólares do Plano Marshall para manter uma atitude firme contra a expansão soviética se afigura cada vez mais uma miragem... E há recios de que os Estados Unidos se vejam acoados e isolados pelas nações que eles procuraram fortalecer. (De uma reportagem de

Um Decreto de Reforma Agrária na Bolívia

INFORMAM os telegramas que, no Distrito de Ocurena, no Departamento de Cochabamba, Bolívia, foi assinado um decreto de reforma agrária. Foram fixados os limites máximos da propriedade agrária. Os latifundiários serão reduzidos a médias propriedades e os excedentes serão distribuídos aos camponeses.

Esse decreto de reforma agrária representa uma importante vitória dos camponeses bolivianos em sua luta pela terra e vibra um golpe no secular sistema latifundiário do país, um dos mais feudais da América Latina. Nos vastos latifúndios bolivianos, o camponês não passa de uma coisa a mais entre os bens da fazenda e é obrigado a prestar serviços pessoais gratuitos ao dono da terra. Em consequência, é cultivada apenas uma porção mínima do território, dois por cento ao todo, e o país é obrigado a importar dos Estados Unidos quase a metade dos alimentos necessários à população.

A maioria esmagadora da massa camponesa é formada pelos índios e mestiços, que constituem 92% da população boliviana. Muitos deles eram levados à força para trabalhar nas minas de estanho. 80% da população é composta de analfabetos. Morre mais de uma terça parte dos recém-nascidos.

A luta dos camponeses bolivianos pela posse da terra ganhou um poderoso impulso depois dos acontecimentos de 9 de abril de 1952, quando, graças à participação combatente do proletariado boliviano, o 179.º movimento armado da Bolívia se transformou numa vitoriosa insurreição popular. As milícias operárias derrotaram e desarmaram o exército reacionário a serviço dos latifundiários e dos imperialistas e o dissolveram. Paz Estensoro foi levado ao poder pelo povo em armas para nacionalizar as minas de estanho e realizar a reforma agrária. Apoiados e dirigidos pela classe operária os camponeses organizaram numerosos sindicatos e em muitos lugares iniciaram a ocupação das terras dos latifundiários.

Foi o que aconteceu no Departamento de Cochabamba, onde os camponeses do distrito de Ocurena vão, agora, receber a terra. O governo de Estensoro, premido pelas forças do latifúndio e pela burguesia que teme o desenvolvimento da revolução mais do

que a exploração dos imperiais listas americanas vinha se mantendo no terreno das promessas, tanto no que se refere à nacionalização das minas de estanho como no que tange à reforma agrária. A luta da classe operária forçou-o a expulsar os Partino, Moschil e Aramayo das minas. A ocupação das terras pelos camponeses já deu o seu primeiro fruto.

O decreto que acaba de ser assinado é naturalmente o primeiro passo. Como demonstra a experiência de outros países, como a China, por exemplo, inicia-se uma nova fase da batalha, pois os latifundiários não entregam a terra enquanto podem manobrar, difundem boatos mentirosos, entregam-se à sabotagem e ao assassinato, em suas desesperadas tentativas de fazer fracassar a reforma agrária. As massas camponesas organizadas nos seus sindicatos e apoiadas pela classe operária jamais consentirão em abrir mão da conquista tão duramente alcançada. Nessas circunstâncias, com a inevitável intensificação da luta, aumentará a atividade dos sindicatos camponeses para assegurar o efetivo cumprimento da reforma agrária.

Esse primeiro passo para a reforma agrária na Bolívia é saudado com alegria pelas massas de milhões de camponeses em todos os países da América Latina.

Aos Nossos Leitores e Agentes

Em nossa próxima edição publicaremos as bases da emulação KLEMENT GOTTWALD — que deixamos de lançar no presente número com o fim de permitir uma preparação melhor — dando prosseguimento à campanha de difusão.

Essa emulação que, tendo início em 1.º de Setembro, prolongar-se-á até 1.º de Novembro, visa, não somente a conquista de novos milhares de leitores mas, também, elevar o nível de recebimento, incrementar o ajudismo e incentivar a colaboração dos leitores.

Estamos certos que, graças à ajuda dos nossos leitores e agentes, a nova campanha assinalará mais uma vitória para o semanário de Prestes.

e o comércio no mundo inteiro foram, certamente, estimulados pelo rearmamento e pelo abastecimento das forças combatentes na Coreia. Se o armistício conduzir a condições mais pacíficas, será impossível, pelo menos para o Ocidente democrático, manter os esforços de defesa no nível atual.»

(De uma correspondência especial para o JORNAL DO COMERCIO e o MANCHESTER GUARDIAN, intitulada «O comércio e a paz»)

De Londres

«Se era verdade que o comércio do mundo ocidental só se mantinha graças às despesas militares, o armistício coreano deverá provocar uma crise econômica. Durante os últimos três anos, a produção

«VISÃO» (24-7-53) intitulada sintomaticamente «Ortodoxia sem rumo». É a segunda de uma série sobre «A queda de Beria — Confusão nos E.U.A.»

ORGANIZAM-SE CAMPONESES E TRABALHADORES AGRÍCOLAS

Pela primeira vez na História, os pobres do campo do Brasil participarão de um grande Congresso Internacional, unindo suas lutas às lutas das massas camponesas exploradas dos outros países.

Arrastam uma existência miserável os milhões e milhões de trabalhadores agrícolas e camponeses pobres, que constituem a maioria da população de países como o Brasil e outros Estados semicoloniais. São massas imensas de homens e mulheres que labutam no campo sujeitos a uma brutal exploração por parte dos donos da terra. Sua situação é ainda pior que a dos operários da indústria que, através da luta organizada, têm obtido algumas melhorias e conquistas certos direitos. Os salários dos trabalhadores agrícolas por exemplo são ainda mais miseráveis que os dos trabalhadores da cidade. Em vastas áreas do Brasil e de outros países da América Latina, na África e da Índia subsistem ainda formas de trabalho escravo em que o trabalhador, abandonado no mato, não tem o direito de sair e nem sequer recebe pagamento em dinheiro.

luta por seu direito a vida. Os trabalhadores continuam a lutar por seu direito a vida. Os trabalhadores do campo têm diante de si o exemplo luminoso daqueles países em que os camponeses, aliados aos operários, conquistaram uma vida mais feliz, tomando as terras dos latifundiários, dos ricos e parasitas. Aumenta sempre o número daqueles que, no interior das fazendas, ficam sabendo da existência de um país no mundo — a União Soviética — onde os camponeses, donos da terra, utilizam máquinas e tratores para obter grandes colheitas. Vivem felizes e moram bem, frequentam tentos e cinemas e muitos possuem automóvel. São instruídos e seus filhos vão todos à escola e podem cursar as universidades. Até eles vão chegando a notícia de que, na velha China, antes tão atrasada, 380 milhões de camponeses pobres recebem a terra de graça e são ajudados por todos os modos pelo governo democrático-popular, governo de operários e camponeses.

A grande arma da organização

Já existem, em muitos lugares do Brasil, associações e ligas camponesas. Em outros países, como na Índia e na Guatemala, por exemplo, os trabalhadores já estão um pouco melhor organizados e, em alguns pontos, tomaram e distribuíram a terra entre si. Mas a grande massa está dispersa e é preciso chamá-la à luta organizada por suas reivindicações, ao lado da classe operária. Para ajudar essas lutas dos trabalhadores agrícolas já existe uma organização, a União Internacional de Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas e Florestais (UISTAF), fundada pela grande organização dos operários de todo o mundo, a Federação Sindical Mundial. A UISTAF, já possui 60 milhões de filiados pertencentes a vários países. Mas um número muito maior de trabalhadores rurais e camponeses está fora do movimento comunista. Suas reivindicações e suas difíceis condições de vida precisam de ser conhecidas e estudadas, para que sejam incluídas num programa comum, que unifique a todos os trabalhadores agrícolas do mundo. Por outro lado, é preciso estudar as formas de organização mais convenientes para agrupar os trabalhadores desorganizados ou melhorar as organizações já existentes.

Os trabalhadores agrícolas não conhecem o que sejam seguros sociais nem qualquer legislação que os proteja. Cobertos de andrajos, moram em choupanas miseráveis, desprotegidos das doenças e calamidades. Seus filhos, quando sobrevivem, estão sujeitos às mesmas condições brutais de trabalho desde tenra idade, não têm direito à instrução, crescem analfabetos.

Essas notícias inflamam as esperanças dos trabalhadores do campo, que lutam cada dia mais por seus direitos. Suas lutas crescem, inclusive em nosso país. Mas elas poderão se tornar poderosas lutas e conquistar grandes vitórias se os milhões de trabalhadores rurais e camponeses se unirem e se organizarem, ajudados pelos operários. A falta de organização, o fato de os homens do campo viverem espalhados e sem ligação entre si é que é o seu ponto fraco, é o que os impede de impor aos donos da terra melhores condições de trabalho e mesmo uma reforma agrária que dê a terra aos que nela realmente trabalham.

Unidos para conquistar uma nova vida

É justamente para ver tudo isso que a UISTAF convocou uma grande reunião a ser realizada no próximo mês de outubro na capital da Áustria, Viena, com o nome de II Conferência Mundial da União Internacional dos Trabalhadores Agrícolas. Os trabalhadores rurais do Brasil também participarão dessa Conferência, graças a ajuda dos operários. Para isso foi convocada a Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas, a ser realizada em princípios de setembro vindouro, em dois lugares, em São Paulo e Pernambuco. Para isso foram convocadas conferências em diversos Estados e em toda parte, multiplicando-se reuniões camponesas para preparar os trabalhos da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas. Esses trabalhos preparatórios permitem discutir as necessidades e reivindicações e dão um grande impulso à organização dos colônos e meeiros, dos arrendatários e posseiros, dos assalariados agrícolas e todos os camponeses pobres.

A situação não é melhor para milhões de camponeses pobres, sujeitos ao domínio dos latifundiários, sem dispor de sementes, nem de ferramentas e muito menos de crédito para poder travar com sucesso a dura luta com a terra.

Libertem-se os pobres do campo

Toda essa imensa população rural sente, cada dia que passa, que a atual situação não pode continuar e

ERRATA

O 50.º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

Nas teses da Seção de Propaganda e Agitação do C. C. do P.C.U.S. e do Instituto Marx — Engels — Lênin — Stálin, anexo ao C. C. do P.C.U.S., que divulgamos no SUPLEMENTO do n. 222, deve-se incluir no final do II capítulo o seguinte trecho:

«Para organizar a vitória de uma revolução como a grande Revolução Socialista de Outubro, necessitou-se um partido armado com a teoria revolucionária de vanguarda, dotado da maior coragem e do maior heroísmo, um partido disposto a todos os sacrifícios para o bem do povo e da Pátria, um partido profundamente ligado às amplas massas de trabalhadores. O poderoso Partido dos comunistas, criado e forjado pelo grande Lênin, foi precisamente tal partido».

HÁ DEZ ANOS SE REUNIA A CONFERÊNCIA DA MANTIQUEIRA

Na 11.ª página do n. 222, divulgamos uma matéria sob o título acima. Nessa matéria é necessário introduzir as seguintes emendas:

- 1) No início do tópico de n. 1 se diz que da Conferência participaram 41 dirigentes. Posteriores pesquisas da redação da VOZ nos permitiram estabelecer que esse número não teria sido superior a 20, não nos foi possível, no entanto, comprovar em definitivo esse algarismo.
- 2) No tópico de n. 4, onde se lê: «Além disso, a Conferência condenou o «sectarismo» —, deve-se ler: «Além disso, a Conferência condenou o «setorismo» —».

nos 4 cantos do mundo

Solução imediata para a Alemanha

Em nota aos três grandes capitalistas, a União Soviética propôs um plano prático para resolver de imediato o principal problema da Europa. Em síntese, a proposta soviética prevê a formação de um governo provisório alemão, composto de representantes dos parlamentos das duas partes e a redação de um tratado de paz na base das decisões de Potsdam, isto é, uma Alemanha unida, soberana, democrática, com forças armadas próprias para sua defesa e fora de qualquer aliança militar dirigida contra qualquer das nações que a derrotaram na guerra. O governo provisório alemão teria participação na redação do tratado e realizaria eleições livres em toda a Alemanha, sob sua direção. As potências ocupantes retirariam suas tropas. Diante deste plano inatacável, os imperialistas, ainda tontos,

procuram turvar as águas, mas os povos, particularmente o povo alemão, vêm neste um passo decisivo para paz, pelo qual cumpre lutar.

Saudosistas da Guerra

Vêm provocando vivos protestos as manobras dos Estados Unidos visando a sabotar a paz na Coreia e a próxima Conferência Política. Na Inglaterra, o compromisso assumido com os ianques no sentido de alargar o teatro da guerra, no caso de reinício das hostilidades, provocou tal onda de protestos que o próprio diário conservador inglês «Times» viu-se obrigado a se associar a eles, o mesmo acontecendo com o ex-premier Attlee. Por outro lado, o chefe do governo indiano, protestou contra as provocações do canibal Foster Dulles e seu fantoche Singman Ri, tachados por Nehru de «ameaças à Paz».

Ocupante odiado

Cerca de 150.000 trabalhadores japoneses realizaram uma greve geral, paralisando 200 estabelecimentos militares das forças de ocupação americanas no Japão. Os operários protestaram contra as condições escravagistas impostas pelos ocupantes, que se arrogam o direito de demitir os operários a seu bel-prazer. Ligando suas bandeiras vermelhas, os bravos grevistas enfrentaram os soldados inimigos, realizando passadas e demonstrações de protesto contra os odiados senhores do dólar.



Rakosi com os 17 de Szuhakallo na colônia de férias dos mineiros húngaros.

A VOZ DE MATIAS RAKOSI NO FUNDO DA MINA INUNDADA

Reportagem de FERENC GABOR
Budapesse junho de 1953

DOIS mil «pengos» pela vida de quatro homens? Vocês estão loucos? Assim falou o dono de uma mina de carvão no vale de Szuhakallo, na Hungria, em 1938. Uma inundação tinha bloqueado quatro mineiros numa galeria. Para salvá-los era preciso cavar um túnel de seis metros. O patrão, que tinha cinco palácios em Eudapest, recusou-se a «jogar pela janela» uma tão grande quantia. E os quatro mineiros ficaram enterrados vivos.

Em 1953, as sirenes uivaram novamente na mina de Szuhakallo, agora parte do combinado mineiro de Bersod da República Democrática Popular da Hungria. As chuvas torrenciais, que caíam há alguns dias, tinham rompido um dique. A massa enorme de água precipitou-se na mina, inundou os poços e galerias. Os mineiros mais próximos da superfície conseguiram pôr-se a salvo. Mas 17 trabalhadores, que se encontravam a 43 metros de profundidade, ficaram bloqueados num túnel.

Eram 15 homens e duas mulheres. Deixaram-se ao solo e esperaram a morte. Lajos Vrabik, o mais velho e experimentado, dava conselho: não mover-se, não falar, poupar oxigênio o mais possível. Magda Kressak e Suzanna Scous estavam abraçadas a um canto. Um velho rezava. Janos Bakos, mineiro de 41 anos, explicava com voz calma que «um mineiro não é nada — vive debaixo da terra e morre debaixo da terra». E acrescentava: «Só uma coisa me dói, é não ter podido despedir-me de minha mãe».

Vrabik tentava usar o telefone. A água não tinha cortado a linha, mas «lá em cima» ninguém respondia. Ordenou que não ficasse acesa mais do que uma lâmpada, para economizar acetileno, e aconselhou os companheiros a dormir. De olhos fixos no relógio, regia o curso das horas. Duas, cinco, dez, vinte, vinte e quatro... Na noite de quarta-feira terminou a última lâmpada.

O ar estava cada vez mais abafado. Passaram outras dez horas. No poço de Szuhakallo ninguém falava, chorava ou rezava. De repente, tilintou o telefone. Vrabik agarrou o receptor — «lá em cima» pensavam nêles, trabalhavam, lutavam por aliviar-los. «Alô? Espere na linha. Vou ligar com Budapest». Longos instantes de silêncio e logo em seguida uma pergunta em cima da outra: «Pronto? Estais vivos? Todos os dezesseis?»

— Sim estamos vivos. Quem fala é Lajos Vrabik...
— Saúde, camarada! Aqui é Matias Rakosi. Coragem! Prometo-vos que saireis todos vivos da mina...

— Obrigado, Presidente. Diga à mãe de Janos Bakos que seu filho a saúda. E ao novo de Magda Kressak que ela está bem...

Toda a Hungria voltou-se para o poço de Szuhakallo. Sob a chuva torrencial, os melhores escafandristas, as equipes de sondagem petrolífera de Bekes e Ormospuzsta, os soldados, os quadros da União da Juventude, todos se lançaram ao trabalho de salvamento. De hora em hora a rádio de Budapeste transmitia notícias. As bombas aspiravam milhares de toneladas de água. Os perfuradores penetravam no solo argiloso. Na manhã de quinta-feira, a ponta da perfuratriz atingia a abóbora do túnel onde os 17 aguardavam na escuridão. Pelo estreito poço, foi bombeado oxigênio, introduziu-se água, lâmpadas, viveres, chá quente. Por esse buraco, a mãe de Bakos ouviu a voz do filho.

Mas a chuva continuava, fria e torrencial. O tubo de borracha ameaçava congelar. Milhares de pessoas o aqueciam com o calor de suas mãos, com o calor de seu sangue. Os mineiros e engenheiros que noite e dia cavavam a galeria de socorro toparam com uma parede rochosa. Engenheiros, soldados, oficiais, mineiros lançaram-se furiosamente a ela com picaretas. Passou mais um dia e outro dia ainda. A voz de Lajos ao telefone era cada vez mais fraca. Na noite de domingo, na 2.ª-feira já não era mais que um sussurro. Na manhã de segunda-feira a última camada de pedra foi rompida, os aspiradores renovaram o ar e os salvadores avançaram. Os 17 estavam abraçados e desfalecidos, mas com vida. «Obrigado, Presidente...» foram as primeiras palavras de Vrabik.

Rakosi foi visitá-los na colônia de férias dos mineiros. Foi nessa ocasião que Bakos contou aquele episódio de 1938: «Um dos quatro era meu pai. E quanto custou o nosso salvamento? Tinha custado um milhão de florins. Mas Rakosi, sorridente, apontou o dedo para a inscrição na parede, da nova Hungria, repetindo as palavras do imortal Stálin: «O homem é o capital, mais preciso»»

Apoio Incondicional à U.R.S.S. - Garantia do Futuro Feliz Para o Povo Brasileiro

"Nosso Partido e nosso país sempre necessitaram e necessitam de confiança, simpatia e apoio dos povos irmãos do estrangeiro. A peculiaridade deste apoio consiste em que todo apoio às ações pela Paz de nosso Partido, por parte de qualquer outro partido irmão, significa ao mesmo tempo, para todos eles, um apoio ao seu próprio povo na luta pela manutenção da Paz. . . . Esta peculiaridade de apoio recíproco explica-se porque os interesses de nosso Partido não contradizem, mas ao contrário, se fundem com os interesses dos povos amantes da paz."

(J. STÁLIN, Discurso no encerramento do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética).

Nossa História Comprova os Ensinamentos de Stálin

1. Nos anos da guerra, no período em que as hordas nazistas ainda estavam em ofensiva, a ditadura de Vargas desencadeou brutal repressão sobre o nosso povo. As lutas operárias estavam comprimidas. O Partido sofreu sérias perseguições e numerosos dirigentes foram encarcerados.

Quando os exércitos hitleristas avançavam pelo território da U.R.S.S., muitos elementos vacilantes, influenciados pelo inimigo, perderam a perspectiva, não tinham confiança na U.R.S.S. Dentro do Partido, os liquidacionistas pregavam o desaparecimento do Partido.

2. Mas o Partido acertou porque não deu nem podia dar ouvidos aos vacilantes. O Partido acertou porque se manteve, como sempre, fiel à U.R.S.S. Em lugar de enrolar as bandeiras de combate da classe operária, como queriam os liquidacionistas, sustentou-as com mãos firmes.

A Conferência da Mantiqueira (27 a 30 de agosto de 1943) proclamou bem alto: — os comunistas brasileiros são incondicionalmente fiéis à União Soviética; a URSS é a vanguarda da luta contra o fascismo; somos pela união nacional contra o fascismo.

3. A firme posição internacionalista do Partido trouxe imensos benefícios ao povo brasileiro. A Conferência da Mantiqueira subordinou a solução de todos os problemas de nosso povo à luta pela derrota do nazi-fascismo. A vitória da U.R.S.S. na guerra e nossa política de apoio à União Soviética deram seus frutos. Disso resultaram grandes vitórias democráticas: conquistou-se a anistia, foram estabelecidas as relações com a U.R.S.S., Prestes foi libertado, o Partido tornou-se legal foi convocada a Constituinte, e, sob a pressão do povo, a Constituição inscreveu algumas conquistas democráticas.

Permaneceremos Incondicionalmente, Sempre Fieis à U.R.S.S.

O internacionalismo proletário é uma gloriosa tradição dos comunistas brasileiros.

Os benefícios que trouxe ao povo brasileiro nosso apoio irrestrito à Pátria do Socialismo durante a 2.ª guerra mundial são um exemplo para os dias de hoje.

Hoje, milhões de brasileiros clamam juntamente com os comunistas:

1. JAMAIS FAREMOS GUERRA À UNIÃO SOVIÉTICA:

Porque somos imensamente gratos à URSS que nos salvou da escravidão nazista. Porque são os inimigos do povo brasileiro que o querem arrastar a uma guerra contra a URSS; o povo brasileiro não combaterá para aumentar os lucros de seus dominadores. Porque, se combatesse contra a URSS, o povo brasileiro estaria lutando contra sua própria independência: — a União Soviética é a garantia da vitória dos povos oprimidos na luta pela independência nacional e pelo progresso. Porque as aspirações de paz do povo brasileiro são as mesmas que as da U.R.S.S.: — a União Soviética nunca atacou nem atacará nenhum país; a União Soviética é o grande baluarte da paz entre os povos.

2. EXIGIMOS O REATAMENTO DE RELAÇÕES COM A UNIÃO SOVIÉTICA:

A prolongada dominação imperialista e o regime semi-feudal levaram nossa pátria à ruína. A economia brasileira é estrangulada pelos trustes norte-americanos. O povo brasileiro quer a paz, ama e admira a União Soviética.

O reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a URSS é uma exigência do povo brasileiro. As relações com a URSS reforçarão nossa luta pela paz e pela independência nacional.

Por isso, todos os patriotas, com os comunistas à frente, tomam hoje em suas mãos a luta pelo imediato reatamento de relações com a U. R. S. S.

Voz de Prestes, Voz do Povo:

«Nos dias de hoje, ser internacionalista e patriota é, antes e acima de tudo, ser consequente no apoio à União Soviética e ao grande Partido de Lênin e Stálin, pois a URSS é a fortaleza da paz, é a base do movimento revolucionário mundial. Não é possível lutar com êxito pela paz e pela causa do proletariado, pela causa dos povos oprimidos nacionalmente, sem apoiar a União Soviética e o Partido Comunista da União Soviética, sem que se conte com o apoio da URSS e do grande Partido de Lênin e Stálin. Pretender defender a independência dos povos, a paz e a causa do proletariado, à margem da URSS, é passar obrigatoriamente para o campo dos inimigos da paz da democracia e do

socialismo, é dividir o proletariado, é lançar os trabalhadores uns contra os outros, é enfraquecê-los enfim na luta pela própria emancipação em cada país e em todos os países ao mesmo tempo. O internacionalismo proletário é a mais valiosa arma dos trabalhadores na luta contra a opressão de classe, como também contra a opressão nacional, na execução de suas tarefas para destruir o imperialismo, conquistar a liberdade para o povo, a paz e o socialismo. E não há critério mais seguro para definir o internacionalismo nos dias de hoje que a atitude frente à URSS e ao Partido de Lênin e Stálin». (Do Informe de Abril ao Pleno do C. N. do P. C. B., PROBLEMAS, n.º 45, Pág. 60).

Quem Financia os Jornais de Prestes é o Povo!

15 Milhões de Cruzeiros Para os Jornais da Verdade e da Paz

A Comissão Nacional de Ajuda à Imprensa Popular conclama todos os brasileiros

AO POVO BRASILEIRO:

CONSTITUÍDOS em Comissão Nacional de tas e amigos da paz para que, com o nosso es- Ajuda à Imprensa Popular d r. gimo- nosos fôrço comum, criemos um grande jornal do po- todos os brasileiros, trabalhadores, democra- vo, arma de luta e defesa do proprio povo

«O MOMENTO» CIRCU- LOU ONTEM

ARREBATADAS PELO POVO AS DUAS EDIÇÕES DE O MOMEN- TO - EXEMPLARES VENDIDOS ATE POR 20,00

Apesar de todas as difi- [cancelou] indispensaveis para, [atragia] - - - - - de um [ista, [liber] - - - - - de circulação

«O MOMENTO»

ANO IX Bahia - 2 de Agosto de 1953 - 1 8

Defender a Liberdade DE IMPRENSA

Bergem de todos os seto- res da nossa população, os protestos mais en-rgicos em defesa da liberdade de im- prensa que foi, em nosso Es- tado, profundamente ferida com o vandalo assalto e saque de que está sendo vítima O MOMENTO.

É o povo bahiano que, com energia crescente, con- dena a ilegal violência da polícia do governo Regis- Getúlio contra um jornal de livre circulação, devidamente registrado, com 9 anos de vida.

Comissões sobre comi- tões de operários e estu- dantes, de comentaristas e representantes das pro- fessões liberais, devem e já estão levando seu protesto ao go- verno, exigido ao mesmo tempo, que os vandalos poli- ciais descorram a sede de O MOMENTO do modo que o jornal da Bahia volta a circular normalmente e a reconstruir o que foi danifi- cado.

As entidades jornalísticas de Salvador - a A.B.I. e o Sindicato de Jornalistas - ac- tuam em defesa da liberdade de impre- ssa, tendo já, n.º 11, a A.B.I. e o Sindicato de Jornalistas, em uma conferência com o mantido conferência com o responsável pela violência, o sr. Laurindo Regis. Ouviu- se o sr. Raulle Queiroz.

Estão Destruindo as Máquinas!

Recebemos informações que os policiais, não podendo quebrar as máquinas de O MOMENTO, estão procurando torná-las impraticáveis destru- indo, assim, um patrimônio que vale mais de 700 mil cruzeiros.

Segundo o nosso informante os policiais es- tão destruindo, COM ACIDOS, as peças chave- s de nossas máquinas de composição uma linotipe e uma intertipo.

Esta é uma denúncia que tomamos publica- das para providências que não de ser tomadas em função de providências que não de ser tomadas para impedir o monstruoso crime, e, porpe- trado o mesmo, para punir os criminosos.

CONTINUAM PRESOS OS Jornalistas

(Leia na 4.ª página)

Soará Mais Forte A Voz da Imprensa do Povo

AS VIOLÊNCIAS POLICIAIS, encomendadas pelo governo de Getúlio e Regis Pacheco, não conseguiram silenciar a voz de «O Momento», autêntica tribuna do povo baiano. Apesar de todas as dificuldades, «O Momento» não deixou de circular, mantendo assim viva a tradição que estabeleceu já no primeiro assalto, durante o governo Mangabeira. Desesperado com o as- censo das lutas e solícito em atender à pressão dos imperialistas americanos que exigem «ga- rantias» para aumentar a exploração do país, o governo de Vargas tudo faz para acabar os últimos restos de liberdades democráticas. O assalto ao «O Momento» desmascara a disposição governamental de atirar-se com mais fúria contra a liberdade de imprensa. A tentativa de con- fisco de suas máquinas é um ensaio para novas violências. A defesa de «O Momento» é um dever de todos os patriotas. Sob a pressão dos numerosos protestos das associações profissionais, dos protestos indignados dos operários e do povo baiano, o Juízo dos Fatos da Fazenda deter- minou a desinterdição da sede do jornal. A onda de protestos crescerá em todo o país e há de libertar os jornalistas presos. «O Momento» ressurtilá, mais forte, e continuará sua luta pelos interesses do povo.

Estamos convencidos de que esta é uma exigência inadiável, um dever de patriotismo do qual não podemos nos excluir.

Vemos como é dramática a presente si- tuação de nossa Pátria. A miséria flagela as populações, a carestia da vida alcança níveis impressionantes, cal o poder aquisitivo dos sa- lários e ordenados.

Está asfixiada a Indústria nacional. De um lado é o racionamento da energia elétrica, reduzindo o ritmo da produção fabril e enca- recendo o seu custo. Do outro lado são as cres- centes restrições à importação de matérias pri- mas e maquinário decorrentes particularmente da crise em que mergulha o nosso comércio exterior.

Há estagnação no comércio. Reduz-se o volume das vendas justamente porque diminui o poder aquisitivo das populações. Nossas mercadorias de exportação têm seus preços dia a dia mais aviltados no exterior, enquanto as mercadorias que importamos são cada vez mais caras.

A isso se entrelaçam os constantes aten- tados contra a soberania nacional e contra as liberdades constitucionais.

O quadro que se desenha é de ruína para a Nação, de verdadeira calamidade para quase todas as camadas do povo.

É diante de tal situação já insustentável que a Nação toma conhecimento, revoltada e estarecida, do mar de escaninhos em que mer- gulha o governo do sr. Getúlio Vargas. Há um verdadeiro assalto aos cofres públicos, ao di- nhairo arrancado do povo através de impostos escorchantes.

Deste saque sistemático participa um de- terninado tipo de imprensa, através de seus diretores e principais acionistas. O espantoso caso da «Última Hora», que vive à sombra dos cofres do Banco do Brasil, não é único. É a regra geral — confirmam-no as informações do Banco do Brasil à Comissão de Inquérito da Câmara dos Deputados — dos jornais da cha- mada «grande imprensa».

E quando não são os cofres do Banco do Brasil que alimentam esses jornais, são os cofres de poderosos grupos econômicos nacionais e estrangeiros. É fácil compreender quem dita a orientação desta imprensa. Sua conduta é sempre de traição ao povo, como se pode ver pela defesa aberta que faz da entrega de nos- sas riquezas naturais aos monopólios estran- geiros, de seus elogios à Light, de sua convên- cia com todos os atentados às garantias cons- titucionais, com sua oposição sistemática às lutas populares.

Não é possível fechar os olhos ao fato de que esses jornais, a serviço de interesses incon- fessáveis, circulam, em seu conjunto, com cen- tenas de milhares de exemplares, influenciando setores ainda consideráveis da opinião pública. São, na verdade, milhares de brasileiros hon-

rados que, sob tal influência, permanecem afastados do justo caminho da união e da ação das forças patrióticas, o único que poderá assegurar a Independência nacional e a solução dos problemas do povo.

É nestas condições que se faz sentir a necessidade imediata de contrapormos à im- prensa que mente ao povo e que o trai, uma imprensa que fale a verdade ao povo e lute ao seu lado.

Já temos no Brasil esta imprensa. E a Imprensa Popular, são os jornais de Prestes, que continuam as melhores tradições daquele jornalismo de combate pela liberdade do povo, ao qual se encontram associados os nomes imortais de Frel Caneca e Cipriano Barata.

Mas, justamente porque não mantém vincu- lação com os argentinos nacionais e estran- geiros, a Imprensa Popular subsiste em con- dições precárias. Seus déficits aumentam. Suas máquinas, já antiquadas e várias vezes depre- dadas pelo terror policial, são agora incapazes de imprimir um jornal moderno. Os efê- tivos de sua redação não chegam a um terço dos que trabalham nas redações de outros jor- nais.

É fácil compreender que, em tais precá- rias condições, a Imprensa Popular não pode fazer frente, do ponto de vista técnico e jornal-ístico, à «grande imprensa» da calúnia e da mistificação. Seu número de leitores não pode crescer como é necessário, e urgente. A luta para dotar os jornais do povo dos recursos fi- nanceiros de que necessitam para o seu requi- sito técnico é, por isso, um combate polí- tico da maior significação. 15 MILHÕES DE CRUZEIROS é a quantia de que precisa a Im- prensa Popular para este fim, para ter con- dições materiais de se impôr à preferência dos leitores no conjunto da imprensa que circula no país.

Apelamos para o povo: arrecademos, no período de 1.º de Setembro a 30 de Novembro, esses 15 milhões de cruzeiros. O organizamos no Brasil inteiro Comissões Pró-Imprensa Popu- lar, que coordenem, orientem e realizem esta grande campanha pelo reaparelhamento dos jornais do povo!

Este é também, um combate, pela democ- racia, contra a miséria, pela paz e a inde- pendência nacional. O povo há-de vencê-lo!

aa.) Cândido Portinari, Jorge Amado, Os- car Niemeyer, dr. Mário Fabião, Arnaldo Es- trela, dr. José Erigagac Ferreira, dr. Antônio Lemme Junior, Pedro Motta Lima, Elisa Grac- co, dr. Luiz Werneck, Ramiro Lucchesi, Fere- nando Luiz Lobo Carneiro, Clotilde Prestes, João Antonio Mesplé, João Batista de Lima e Silva, Sivalva Palmeira, Nieta Campos da Paz, Henrique Cordeiro, Alberto Carmo, Meloisa Ra- mos, Modesto de Souza, José Luiz Galazani (Jararaca), Aristides Saldanha.

UM MARCO HISTÓRICO

na vida do Partido Comunista do Brasil nas lutas do proletariado e do povo

CONFERÊNCIA DA MANTIQUEIRA

(II Conferência Nacional do PCB)

Grande reportagem na próxima edição da VOZ OPERÁRIA

Reservar quotas desde já
Fazer pedidos por telegrama
Preparar vendas especiais